



O TATU DE PIRAKÊ

DJENAL GONÇALVES FILHO

Ilustrações
GABI ETINGER



EDISE

O TATU DE PIRAKÊ



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

O TATU DE PIRAKÊ

DJENAL GONÇALVES FILHO



EDISE

Aracaju
2019

COPYRIGHT©2019 BY DJENAL GONÇALVES FILHO

CAPA

GABI ETINGER

DIAGRAMAÇÃO

JOSUÉ JACKSON

FOTO

IVVE RODRIGUES

ILUSTRAÇÕES

GABI ETINGER

REVISÃO

GERDIEL SANTOS GRAÇA

YURI GAGARIN

PRÉ-IMPRESSÃO

DALMO MACEDO

MARCOS NASCIMENTO

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

G626t

Gonçalves Filho, Djenal 1972-

O tatu de Pirakê [recurso eletrônico] / Djenal Gonçalves Filho. - 1. ed. - Aracaju

[SE] : Edise, 2019.
recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

Inclui índice

ISBN 978-85-53178-34-6 (recurso eletrônico)

1. Contos brasileiros. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

19-56977

CDD: 869.3

CDU: 82-34(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
editora.diariooficial@segrase.se.gov.br

À Jalva e Nenzinha,
*Avós, que do céu sopraram pitacos e broncas
por este livrinho mal escrito.*

À Beta,
Que, da terra, fez a mesmíssima coisa...

À Nalzinho e Cacá,
Que elogiaram com medo do castigo.

E à Djenal e Telma,
Meus pais, minhas raízes.

“Leitor, você tem o direito de exigir tudo em arte, exceto um limite”

Victor Hugo

“O ser humano é só carne e osso e uma tremenda vontade de complicar as coisas.”

Walter Hugo Mãe, em *A máquina de fazer espanhóis*.

ÍNDICE

17	Obra Prima
23	Billy Bahia
37	Mausoléu Cabernet
47	O Tatu de Pirakê
57	Pink Eggs
65	Santo Remédio
71	Selfie Service
77	Vinho Não é Para Todo Mundo
85	Janelas
91	O Orégano Suspeito
97	Lá vem o Sol
105	A Exposição
111	Um Homem de Confiança
119	Rabuju's
125	Ponto Cego
133	Edilson Através do Espelho
141	A Tumba
147	Questão Geriátrica
153	Sabonete
161	Realidade Virtual
167	Pipoquinha
175	Cuba Libre
183	Fudeu Maria Preá

PREFÁCIO

Na literatura sempre tive uma admiração pelos contos. No início talvez porque eram curtos, fáceis de absorvê-los. Leitura rápida, mas não leitura dinâmica.

No passar do tempo, comecei a perceber o verdadeiro conteúdo dos contos, uma exposição narrada de forma retilínea, um enredo construído com criatividade, porém, contado sem embaraços, e tendo um final, apesar da nossa imaginação, quase sempre inesperado.

Como dizem os entendidos, a estrutura do conto deve ter concisão, precisão e profundidade. Por ser uma narrativa breve, parece ser de fácil execução. Puro engano. Saber sintetizar um texto é dominar bem a arte de escrever.

O que posso dizer de *OTATUDE PIRAKÊ*? Quem conhece a figura do advogado, jornalista, músico, compositor e agora escritor Djenal, tinha a impressão ou quase certeza que um dia ele teria de escrever suas histórias. Um excelente *storyteller*.

Djenal, independentemente de ser conhecido pelo seu domínio da língua portuguesa, usou nos seus contos uma linguagem enxuta, jornalística. Histórias curtas, condensadas e que à medida que lemos vamos ficando intrigados pensando como o imbróglio vai terminar, e para alegria do autor, na maioria das vezes, a história tem um desfecho imprevisto. É assim que acontece quando o conto é bem contado.

Confesso uma idiossincrasia, perco a vontade de ler ou de assistir ao filme que, um espírito de porco, resolve me contar parte do enredo, ou pior, o final da história. Mais desagradável do que o autêntico *Spoiler*, só o pedidor da biana do seu último cigarro. Experimento a divagação para dizer que, nem que a Vaca Tussa, eu CONTO as histórias do tatu de pirakê. É uma obra aparentemente despretensiosa, mas

que revela um escritor com sensibilidade, criatividade e cultura. Leiam e comprovem as qualidades.

Ah, ia esquecendo... verifiquem em cada texto o humor puro e inteligente do artista.

FEDRO PORTUGAL

OBRA PRIMA

A maior felicidade é quando a pessoa sabe porque é que é infeliz. / Tenho de proclamar a minha incredulidad

O sonho de Péricles era escrever uma obra prima. Seu maior dilema era o que fazer para alcançar o nível dos seus ídolos: Dostoiévski, Kafka, Machado de Assis, Kerouac, Faulkner, Katherine Mansfield, Antônio Viana, João Ubaldo Ribeiro...

Não queria ser um best-seller. Longe disso! Abominava a ideia de ser lido nas escolas, discutido no churrasco de domingo ou cobrado no ENEM. Queria servir de tese para doutorado. Não queria ir pro Jô Soares. Queria ser sabatinado no Roda Viva, ser citado no Manhattan Connection.

O problema é que, por mais que varasse noites e noites escrevendo e reescrevendo seus textos, nunca ficava satisfeito. Os anos passavam e no que ele escrevia, não enxergava nem a sombra da pena dos mestres.

Apesar de nunca ter virado uma noite num pub de

segunda, nem nunca ter dormido bêbado num banco de praça, pra parecer com Bukowski, comprou seis Eisenbahn's estupidamente geladas e passou o dia enchendo a cara no sofá da sala. Lembrou que Murakami escreveu seu primeiro romance em cima de uma pia num bar, após lavar os pratos da clientela, e rascunhou um conto em sua cozinha após ter almoçado uma lasanha de frango da Perdigão.

Apaixonado por *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski, por *Balada do Cárcere de Reading*, de Oscar Wilde e por *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, puxou o cabo do seu telefone fixo da tomada, trancou a chave de casa e, sentindo-se preso, à base de pão, água, Cheetos de presunto e Pepsi Twist, escreveu um conto sobre a angústia de uma prisão.

Quase no fim da vida, conseguiu, enfim, ficar satisfeito. Lia, relia, e quanto mais não se reconhecia, mais gostava. Retrato os espelhos e labirintos de Borges, a pontuação sem pontuação de Saramago, inventou palavras à la Guimarães Rosa, mastigou, com gosto, a barata de Clarice, fez rir como João Ubaldo e Luís Fernando Veríssimo.

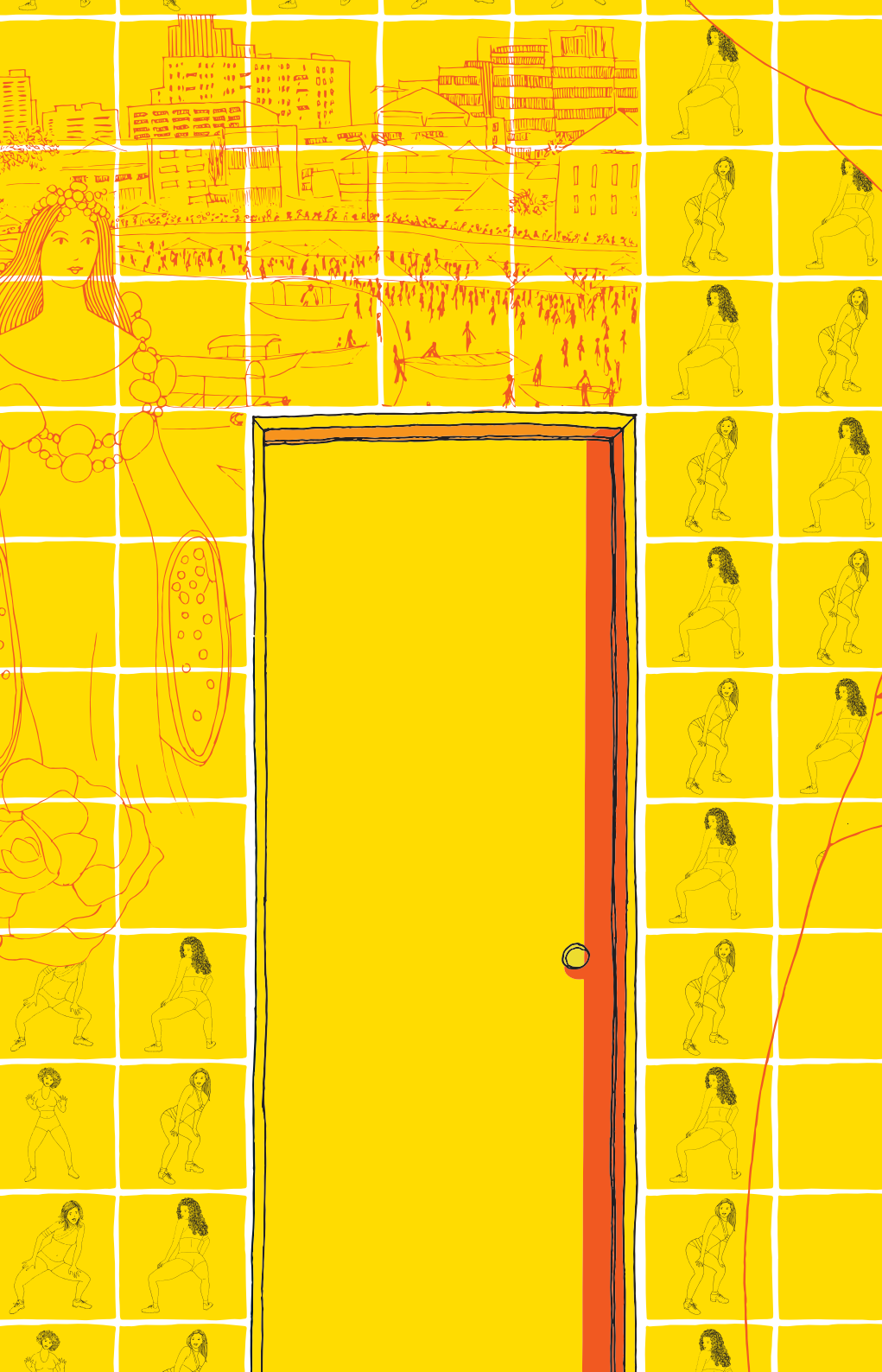
Estava pronto para ser lançado para o mundo, para a posteridade.

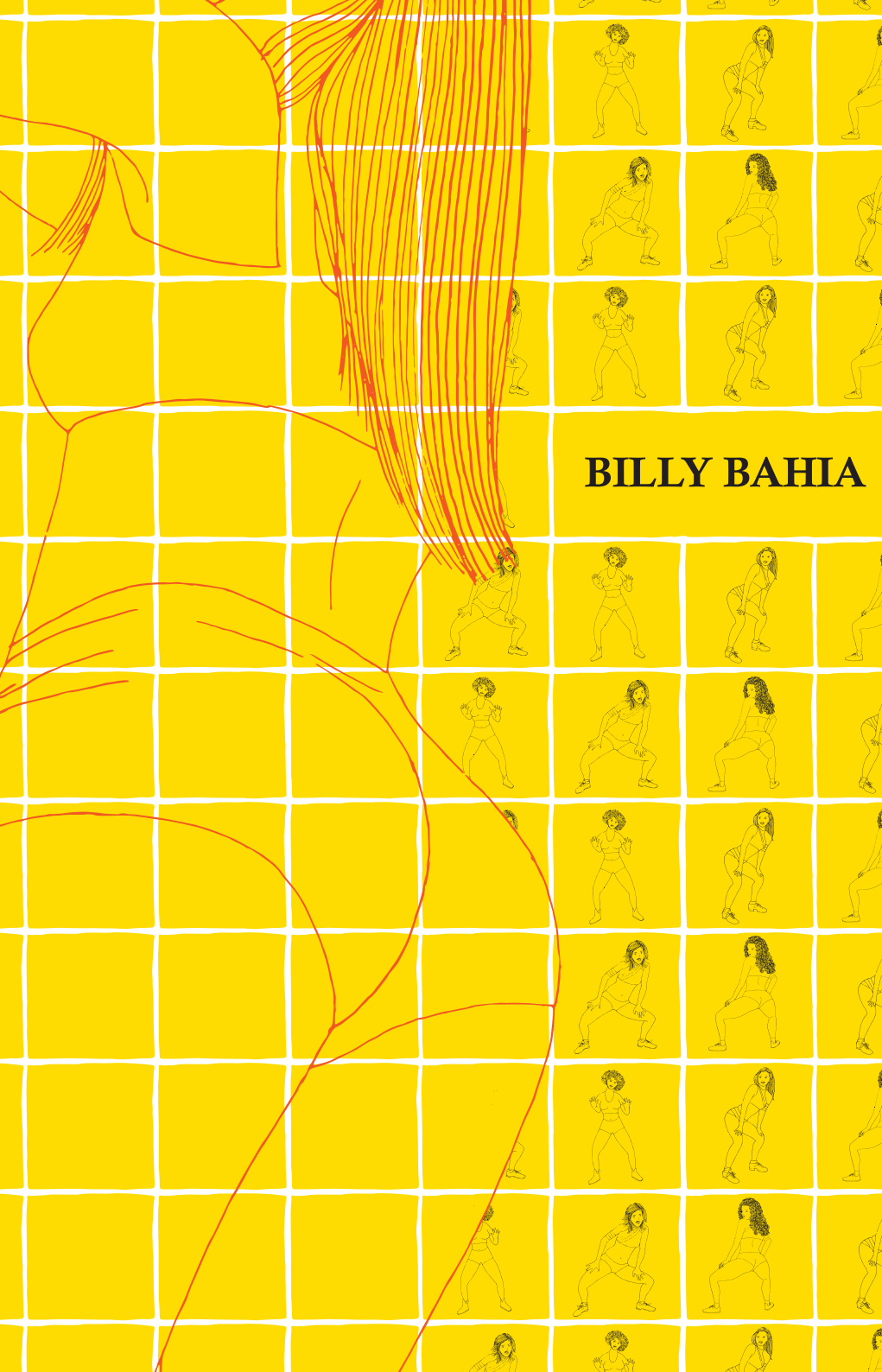
As economias, garimpadas e reservadas durante anos para o projeto, foram despejadas na publicação e no lançamento do livro. Vendeu alguns exemplares, por força de um coquetel.

Passaram-se semanas e não ouviu comentários de ninguém. Ruins ou bons.

Péricles havia, na verdade, feito uma colcha de retalhos do que antes já havia sido feito por outros. Ninguém o reconhecia nos seus textos. Não havia sintonia qualquer com sua vida nem com a de ninguém desta época. Muito menos do seu meio.

O tempo que levou desistindo do que era realmente seu, morreu junto com ele.





BILLY BAHIA

(Primeiro conto da história dos contos, praticamente transmitido ao vivo)

Singulos dies singulas vitas puta!
(*Vê cada dia como uma vida própria!*)
Sêneca, Epístolas. 101,10

AQUECIMENTO

O interior do minúsculo banheiro, a cada chute desferido por Caíque, parecia diminuir cada vez mais.

As pancadas ensurdecedoras na porta, provocadas pelos pés do namorado de Silvinha – calejados das mais disputadas rodas de capoeira de Salvador – faziam o prédio todo tremer. Ressoavam feito os tambores do Olodum nos ouvidos do acuado Billy.

Na sala, espalhadas no chão, folhas de bananeira despedaçadas ainda lamentavam o que sobrou dos preciosos abarás, preparados, em vão, para apimentar aquela noite.

Suando em bicas, Billy, acorrido no chão, com o braço direito agarrado ao bidê e o outro enroscado na base da privada, rezava pra todos os orixás do Dique do Tororó, em ordem alfabética.

Cravou-se encostado na parede, sentou e esticou as pernas, a fim de escorar a porta e impedir que ela cedesse mesmo chaveada até a última volta possível e imaginável. Ninguém sabia até quando aquela fatia de madeira iria suportar tamanha pressão.

A história que acabou por reunir esse trio de sonhos, em pé de guerra, num minúsculo apartamento da Barra, rendeu essa singela e fuleira *pulp fiction* baiana.

Ps: Agora releia a parte acima, como se fosse a abertura de Star Wars: as frases subindo e sumindo no espaço, no azul de Jezebel e no céu de Calcutá, para introduzir a esparrela que virá a seguir. Grato!

CAÍQUE

Caíque era um mulato vaidoso, pintoso, que alardeava aos quatro cantos passar o rodo em todo o mulhério que visitava o acarajé da Dinha, no Rio Vermelho. Em uma enciclopédia Baiânica, seu rosto ilustraria o termo “macho-alfa”.

No período das férias estudantis, fazia a farra. As

meninas nem sequer suspeitavam estar à sua espreita. Em dias de sorte, segundo ele, abençoados, traçava mais de uma garota por turno. Aquilo, para ele, desocupado todo, era como um ofício – dizia-se um operário do amor.

Mas seu coração vagabundo tinha dona, e atendia pela graça de Silvinha. Aquela era pra casar. Mulher direita, trabalhadeira. Tinha as coxas de Ivete e a bunda de Gabriela subindo no telhado. O melhor de tudo é que não tinha chef de cozinha profissional que fizesse um bobó como o dela. Seu abará merecia ser tombado como patrimônio histórico nacional. Por ela, ele mata-va, morria e botava a mão e o corpo inteirinho numa panela com dendê quente.

O grande dia do moreno era o da festa de Iemanjá, 02 de fevereiro, comemorado ali mesmo, no Largo de Santana. Quando o relógio batia meia-noite, as oferendas para Odoyá começavam a colorir e perfumar as ruas, vindas de todos os cantos de cidade, acompanhadas de animados cortejos, ritmados por tambores e agogôs.

Caíque fora nascido e bem criado ali, e, tendo observado por anos a fio toda a engenharia da festa, pra descolar uma grana, vestia-se todo de branco, de pai de santo, e distribuía bênçãos para tudo quanto é turista desavisado que aparecesse cheio de fé. Para compor seu personagem, afinava a voz, desmunhecava, e por ser forte, alto e espadaúdo, adotou a alcunha profissional, pra não dizer o nome artístico, de Pai Graúdo.

Entre os nativos, aquele trambique era uma das atrações da festa. Todos se divertiam assistindo suas presepadas, pois bastava alguém passar com uma oferenda por perto e ele perceber um sotaque diferente, que dava logo um grito e caía pra cima com força. Pegava a mão da pessoa e começava a discursar que ir ali sem tomar um axé seu, era o mesmo que ficar em casa assistindo uma reprise de Tenda dos Milagres, esperando alguma graça cair-lhe, milagrosamente, no colo.

Em instantes, diante dele, a pessoa se sentia como se estivesse cara a cara com a versão quase masculina de Mãe Menininha do Gantois. Vinte conto, o trabalho. E a fila ia se formando, enorme, diante do estardalhaço que fazia. Havia gente que todo ano ia diretamente procurá-lo pelas suas realizações profetizadas e concretizadas durante o ano, operadas, segundo eles, devido à força do axé do Pai Graúdo.

Imagine a dimensão cósmica da sua decepção quando, concentrado em seu trabalho, sem sequer enxergar o fim da sua fila de espera, avistou o moleque Tiziu, guardador de carro da região, vir correndo dando trombada em todo mundo para lhe dizer no ouvido que a Silvinha - a Silvinha dele - estava trancada no apartamento dela com um cara e que “o cara tava comendo ela”. Era só ir lá pra ver com os próprios zóios.

Caíque se sentiu ferido cruelmente em sua honra, no único momento do ano em que se permitia desviar os olhos da sua amada e voltá-los ao alfazemado mar do Rio Vermelho.

“Tiziu, seu porra, se for caô seu, assim que começar o carnaval, eu te mato no meio da pipoca do Chiclete e deixo você lá sendo pisoteado pra morrer de novo, viu? Cadê sua bike? Seu camelo taí porra?”.

E lá se foi Caíque, de pai de santo, desembestado, correndo no meio da rua com os olhos tão vermelhos de raiva que o povo apontava dizendo que tinha entrado o santo errado no sujeito.

BILLY CHEGA A SALVADOR

A princípio magoado com a expulsão de Alagoinhas, pela própria família, por assediar sexualmente um sem-número de meninas da região, Billy logo percebeu que, em Salvador, estaria num paraíso infestado de Evas.

Pra sair do anonimato na cidade grande, logo no primeiro mês, aprendeu todas as coreografias do “É o Tchan” e da “Companhia do Pagode” e virou professor de axé-street e lamba-aeróbica numa academia.

Mestre no assunto, foi entre seus alunos que conheceu a dedicada Silvinha. No final de uma aula disse, com a cara mais séria e deslavada do mundo: *“Morena, com todo respeito, que eu sou totalmente respeitador, acho um desperdício absurdo que você não esteja dançando profissionalmente em alguma banda. Você está se perdendo, meu anjo. Era pra tá rica agora, andando de limusine e as porra”*. Nesse momento ela lhe revelou que seu namorado era megaciumento e que jamais iria permitir esse tipo de coisa.

Mas Billy era a água mole que, literalmente, batia, batia, até furar. Todo dia ele se aproximava mais dela, como quem não queria nada, dizendo que *“as pessoas hoje em dia têm que ter a mente aberta e que seu namorado, com todo respeito, estava vacilando feio.”* E focou nela.

Silvinha passou a ser seu objeto de desejo. Quanto mais ela escapava de suas investidas, mais ele endoidava. E aquele cheirinho de dendê de moqueca que desprendia do cabelo dela... aquilo era um incenso *afro-di-síaco* para ele.

Um dia ela finalmente cedeu aos seus encantos. *“Professor, irei diretamente ao ponto com você. Tô ligada que esse conversêro todo seu é porque você tá querendo é me comer, que eu não sou inocente. Eu não sou brôca de não entender tanto elogio assim, do nada. Então preste bem atenção. Meu namorado passa o dia todo na minha cola, da hora que acorda até a hora que vai dormir. Não posso ir mijar que ele só falta ir comigo no mictório. Mas tem um dia no ano, preste bem atenção, um único dia, que ele se esquece totalmente de mim e parece até que eu não existo. E é o dia todo, da meia-noite de um dia à meia-noite do outro. É que ele trabalha essas 24 horas vestido de pai de santo no Rio Vermelho, no dia de Iemanjá e fica ocupadíssimo”*.

Pronto. Marcaram então no apartamento dela, já que Billy ainda morava com a tia e não tinha dinheiro pra levá-la pra canto nenhum. Billy seria o Jack Bauer baiano e teria suas 24 horas pra salvar seu mundo.

BILLY, SILVINHA E CAÍQUE

No tão aguardado dia do encontro, Billy exalava seu perfume *Stylecto* no ônibus abarrotado que o levaria ao seu ninho de amor, ao tempo em que, inevitavelmente, roçava as ancas de um sem número de filhas de Iemanjá que se encaminhavam para a festa. Elas, rumo às bênçãos da Rainha do Mar, ele, rumo aos beijos de quem iria lhe dar.

Silvinha parecia apreensiva ao abrir-lhe as portas da sua morada. Não era dada a receber encontros furtivos no seu apartamento. Ali, sonhava em morar com Caíque, Caiquinho e Caiquinha – os futuros rebentos que ele tanto sonhava, degustando Quintas do Morgado na sua varanda.

Billy estava leve e solto, mas, com Silvinha travada daquele jeito, não conseguia se concentrar em seus galanteios. Notou que ela, ansiosa, não aquietava o rabo no banco e toda hora se levantava pra preparar algo na cozinha.

Decidiu parar de falar e partir para os finalmentes. Laçou com a mão o pescoço de Silvinha e quando foi lhe tascar um beijo, deparou-se com uma barreira intransponível: Silvinha não abria a boca de jeito nenhum e virou a cara pra rua.

Guiada por todos os santos juntos e abraçados, ela percebeu o noivo Caíque chegando desgovernado pela rua, de bicicleta. Lá de baixo, olhando pros dois na varanda, ele largou o guidom da bike e, ainda com o dedo

em riste, bateu num paralelepípedo e se estabacou com a cara no chão.

Billy aproveitou a deixa e correu que nem um condenado pro banheiro. Se pulasse da varanda, ou morreria da queda ou cairia em cima de Caíque. E um detalhe que Silvinha só se lembrou de lhe revelar na hora: Caíque tinha a chave do apartamento. Billy, pelo olhar, transmitiu uma mensagem para a amante: “fudeu!”.

SAIDEIRA

“Abre essa porta, fida puta! Eu tenho toda uma vida pra cortar seus quiba! Nunca mais cê vai mexer com mulé que tem dono, seu fulêro! Uruvango! Cabasafado! Eu vou fazer omelete com seus ôvo e dá pros cachorro cumê, marico desgraçado!”, berrava o corno, irado, já dentro do apartamento, tentando derrubar a porta do banheiro.

Avexado, Billy só foi notar que seu celular estava no bolso, uns 15 minutos depois da pancadaria começar e aí teve a ideia de ligar para o Galego, um aluno dele que, vivava e mexia, pagava-lhe uma cervejinha no Pelourinho.

“Galego! Galego, pôa! É Billy! Billy, pôa... é que não tô podendo falar alto não, caraio... Vou falar rápido pra bateria não acabar! Venha me acudir, pôa. Tô trancado no banheiro de Silvinha... a Silvinha da dança, caraio... O noivo dela tá segurando uma faca enorme querendo me matar, pôa! Acho até que já matou ela porque ela tá é muito calada agora. Venha logo, pôa. Chame Sopa de Osso. Traga reforço, pôa!”

Enquanto isso, do lado de fora do banheiro, Caíque

gritava enlouquecido, dizendo que Billy não tinha saída. Mesmo que chamasse o CSI Itapuã ou o Abaeté 5.0.

“Pode ligar pros seus macho tudinho, seu viado safado! É bom que eu mato todo mundo e faço um sarapatel com os miúdo dessa raça desgraçada de Alagoinhas, que eu sei que você é de lá! Bando de desocupado! Mostra a cara, pôa! Se for macho mostra a cara! A cada minuto que cê demorá eu ranco um dedo de Sil fora! Duvide! Ah se eu num tenho corage! Aone?”, berrava Caíque.

Do outro lado da cidade, o Galego rumava desenfreado para tentar salvar a vida de Billy. Quando viu subir na ladeira próxima à sua casa, caído do céu, ninguém mais, ninguém menos, do que Sopa de Osso, que apesar do nome, era o mais forte da turma e já tinha sido *sparring* de Popó, antes de ficar aleijado de um braço. O outro ainda continuava forte-e-fixe.

“Ô Sopa! Sopa pôa!

Entrenocarroqueobillyestásecagandotododentro-deumbanheiroporcausadonamoradodamantedelepôa!”

“Quê?”

“Entrenocarroqueobillyestásecagandotododentro-deumbanheiroporcausadonamoradodamantedelepôa!”

O Galego, quando calmo, mal se fazia entender. Nervoso então, só apertando a *closed caption*. Era a pessoa mais incompreensível do mundo. Falava rápido que só a porra! Na dúvida, e percebendo pela cara dele que a coisa deveria ser realmente séria, Sopa de Osso se jogou dentro do carro, pra ver se com o tempo conseguiria decifrar o hieróglifo verbal do amigo.

PÉ NA BUNDA

Galego e Sopa de Osso seguiram em direção ao apartamento da garota, que, de tanto Billy falar do aguardado encontro, já haviam gravado o endereço. Logo que chegaram, encontraram a porta aberta e Silvinha, sozinha, aos prantos, em frente à porta do banheiro.

O Galego foi logo perguntando pelo corpo de Billy e pelo destino do noivo foragido. Ficou sabendo que tinha aparecido um pretinho chamado Tiziu, mais uns 3 amigos, e que eles haviam arrastado Caíque pra bem longe dali, antes que ele matasse todo mundo e tocasse fogo no prédio.

Mais tranquilo, muito mais tranquilo, o Galego disse a Billy, que ainda estava trancado no banheiro, que já podia sair. A barra estava limpa.

“Ô Billy! Billy! Podesairqueocarafoiemboracomedodagente pôa! Ceta salvo!”

“É mentira, pôa. O cara deve tá com a faca no gogó de vocês. A pôa que eu saio daqui!”

“Ô Billy! Agora é Sopa! Sai fora, véi! O cara foi levado por uns moleque para éguas distantes daqui.”

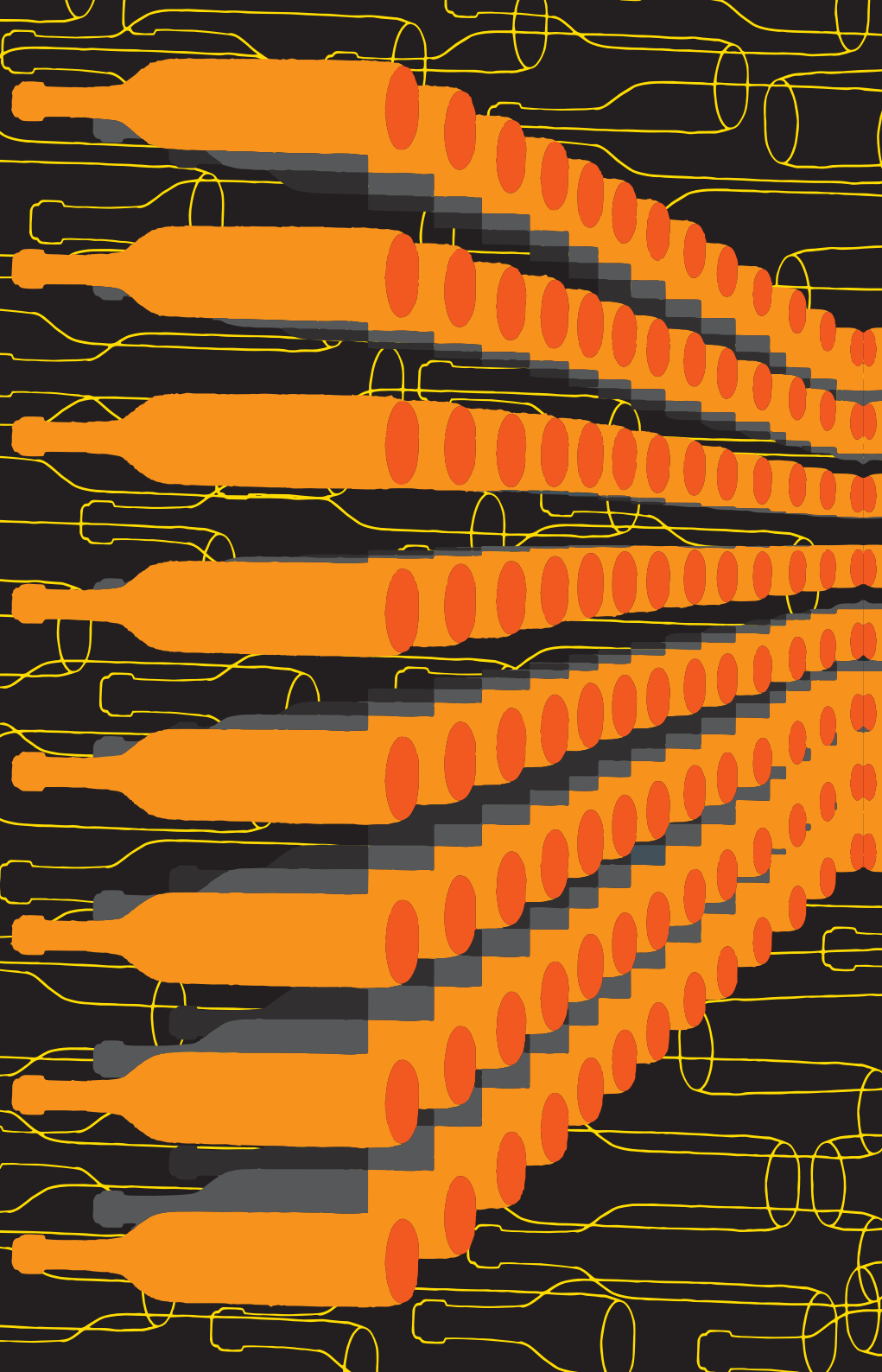
Billy só saiu do seu bunker quase uma hora depois, quando percebeu que o Galego já estava cantando a Silvinha.

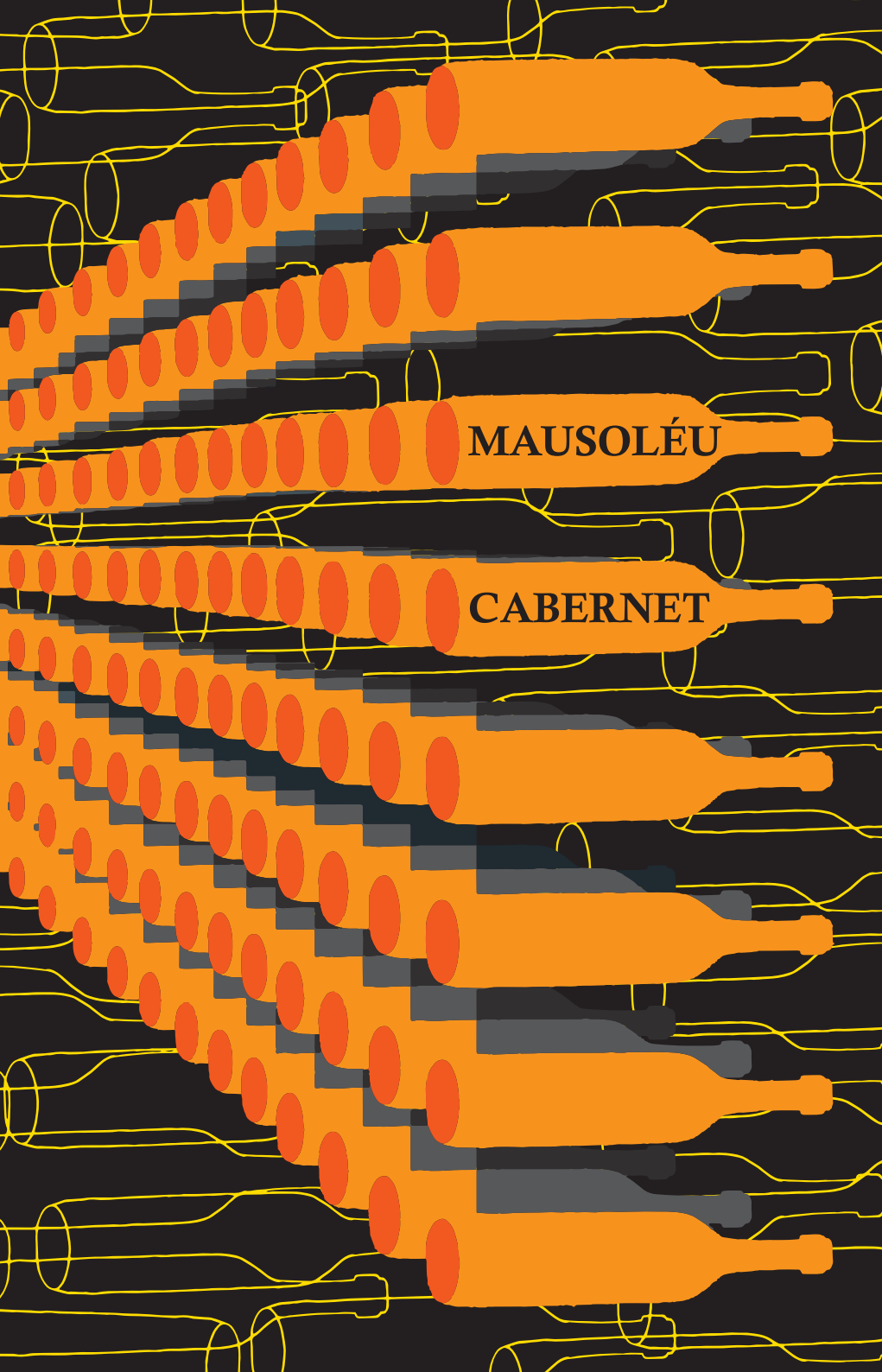
Na volta, em total segurança, Billy disse, entre lágrimas:

“– Eu amo vocês, caras! Vocês são a razão da minha

vida! Eu amo a vida! Amo o Dique do Tororó! Bora comer um abará, que eu tô com fome? Amo o time do Vitória também! E o Durval Lellys e o Maradona. Nunca mais vou querer saber de mulher, bicho. Nunca mais! Êpa, Galego. Galego, pôa! Pare o carro um pouquinho aí, bicho! Quem é aquela morena rabuda subindo a ladeira?”.

FINDOU





MAUSOLÉU

CABERNET

Paulo era servidor público há mais de 10 anos. Durante quase todo esse tempo, conviveu com uma figura obscura que trabalhava rente à sua mesa, o Aphonso. Era um senhor de cabelo cheio e grisalho, de óculos sempre sujos, terno surrado da labuta. Sempre usava o mesmo. Parecia o primeiro capote de Akaki Akakievitch, personagem de Gogol.

Nunca ninguém viu Aphonso receber ligação. Nem no dia do seu aniversário. Era sempre o primeiro a chegar e o último a sair da repartição. E sempre chegava e saía com a mesma cara de nenhum amigo.

Os bate-papos entre Paulo e Aphonso se resumiam ao velho papo de elevador: previsões do tempo, congestionamentos das ruas, tabela do campeonato sergipano de futebol e, em sua quase totalidade, assuntos do trabalho. Afora isso, não só Paulo, como os outros colegas,

espremidos numa sala, ignoravam a presença daquele corpo estranho.

Na verdade, sequer se sentiam à vontade para conversar entre si diante da presença daquele sujeito que, sempre calado e com o semblante carrancudo, aparentava reprovar o comportamento dos outros.

Era véspera de feriado quando despençou, de uma só vez, toda a quantidade mililítrica de chuva prevista pra cair durante o mês inteiro em Aracaju. As ruas alagadas fizeram com que a sala ficasse vazia. Paulo enfrentou o pé d'água e foi trabalhar. Quando entrou na sala, encontrou Aphonso, todo molhado, compenetrado nas suas planilhas.

Aphonso era bem mais velho que ele. Contador antigo, passava o dia ziguezagando o dedo indicador da mão esquerda ao longo de tabelas indecifráveis, enquanto a outra tamborilava ligeiramente em uma velha calculadora elétrica, daquelas que imprimem contas num rolinho de papel.

Após vinte minutos, em meio a um silêncio sepulcral, irritado, Paulo jogou seus processos com força em cima da mesa, pra se fazer notado. Deu certo. Aphonso coçou o olho e mandou-lhe um automático bom dia.

As horas passavam e pela janela via-se que o toró só iria aumentar. Se mais ninguém até aquela hora havia chegado pra trabalhar, agora, então... A manhã estaria fadada ao mais mortal silêncio do mundo. Iria aproveitar pra adiantar sua vida e, quem sabe, limpar a mesa a ponto de negociar um dia de folga com o chefe.

Acabara de ligar o computador e de correr a vista na mesa pra decidir por onde começaria, quando deu conta que Aphonso estava imóvel, olhando fixo pra ele. Sem saber o que dizer, fingiu procurar algo e, de relance, levantou novamente a cabeça. Aphonso ainda estava lá, parado, sem qualquer expressão que indicasse o que ele estava pensando. Era sempre muito difícil perceber o que se passava na merda daquela cabeça.

Não teve jeito. Paulo quebrou o silêncio: “E aí, parceiro? Tá precisando de alguma coisa?”. Aphonso, transparecendo que naquele momento foi trazido de volta à realidade, piscou os olhos rapidamente e com força. Parecia que havia despertado de um sono profundo e perguntou, curto e grosso: “Você bebe?”.

“Como?”

“Vinho. Gosta de vinho?”

Paulo adorava vinho. Entre seus amigos era considerado um enochato e a julgar pela sua experiência no ramo, não conseguia imaginar a figura desmilinguida de Aphonso segurando uma taça de *Romaneé Conti* nem caporra. Sabia que aquela conversa ia enveredar pelas cidras e vinhos do frei e ia sair mais uma vez como arrogante e cuzão metido a besta.

“Tomo uma tacinha, de vez em quando. Mas muito raramente”, disse Paulo, tentando se livrar o mais rapidamente daquela conversa.

“Tenho em casa uma adega com mais de 150 rótulos de vinho, todos secos”, complementou Aphonso, sem olhar pra ele. Dedos tamborilando na calculadora.

Paulo não acreditava no que ouvia. Aquele filho da puta, todo calado, possuía mais vinho guardado em casa do que ele já havia bebido em toda sua existência. A vontade de se exibir era mais forte que ele e Paulo começou a desfilar em carro alegórico todo o seu conhecimento sobre o assunto. O trabalho foi pras cucuias. O papo foi longo, aliás, o monólogo.

Aí aconteceu um fato inédito em todos aqueles anos de trabalho juntos. Aphonso convidou Paulo pra conhecer sua casa. Morava sozinho, portanto, poderia aparecer a qualquer hora da noite que ele estaria lá, aguardando-o em meio ao seu arsenal de cabernets, carmeneres, pinot noirs, merlots etc.

Alguns dias depois, sem comentar com nenhum dos outros colegas, Paulo confirmou, sussurrando para Aphonso, sua visita. Lá pelas nove da noite estaria lá. “Levo algum vinho pra gente?”. Aphonso fingiu que nem ouviu sua pergunta e sorriu com o canto da boca, sem disfarçar seu ar de superioridade.

Paulo demorou a encontrar a casa. Ficava num lugar esquisito. Uma rua escura, sem movimento de carro. Um pedestre, ao longe, entrava em casa num passo apressado. Dentro da casa do colega, um breu. Antes da entrada, havia um jardim grande e mal cuidado.

Como não encontrava campainha, gritou umas quatro vezes o nome de Aphonso, até que viu uma luz acender na entrada e seu vulto aparecer, com a mesma roupa que tinha ido ao trabalho de manhã.

Paulo há muito já havia se arrependido de ter topa-

do a visita, quando viu Aphonso, macambúzio, se aproximando no melhor estilo zumbi de *The Walking Dead*.

Quase inventava uma desculpa e dava meia-volta, mas, quando deu por si, levado por Aphonso, já estava sentado num sofá velho com cheiro de mijo de gato, em uma sala com todas as janelas fechadas.

Aphonso, reparando a apreensão do colega, disse que mantinha tudo fechado na casa porque aquela região era perigosa. Vez por outra, de madrugada, ouvia gritos e pessoas correndo pela rua.

Por alguns longos minutos, pareciam haver esquecido o motivo da visita, pois tinham sentado um em frente ao outro e, sem assunto, ficaram os dois desviando o olhar. Paulo, que abrigara seu olhar na rachadura de uma parede, já nem sonhava mais em tomar vinho algum.

Quebrando o silêncio, Paulo disse que, no caminho, havia se lembrado de um compromisso familiar, mas, como já haviam combinado, tinha passado só pra conhecer rapidamente a “superadega”.

Foi quando Aphonso se reconectou ao mundo, levantou e, com a formalidade de um mordomo inglês, disse-lhe que o acompanhasse, pois os vinhos ficavam armazenados no fundo da casa.

Paulo foi andando, sempre a uma distância segura. Aquela situação toda o fez lembrar que sempre tivera medo de Aphonso. Aquela cara estranha, aquele cheiro eterno de minancora, aquele silêncio misterioso... Finalmente caiu em si e não conseguia acreditar no que estava fazendo naquele fim de mundo, trancado numa casa com

um cara que, ao longo de mais de uma década, mal havia trocado algumas palavras.

“É aqui! Vamos entrar”.

A sala era mal iluminada. No início, Paulo teve que tatear, resvalando suas mãos nas estantes. Pouco a pouco, sua vista foi se acostumando e percebeu que estava num enorme ambiente, rodeado por estantes apinhadas de vinhos.

Aquilo era inacreditável. Todos aqueles vinhos já deveriam estar estragados porque o ambiente não era refrigerado. Mais que isso, o calor ali era insuportável. Começou a ficar tonto. Parecia a antessala do inferno.

Pra matar de vez o assunto e poder ir embora, Paulo, aproveitando-se que Aphonso seguira adiante, parou diante de uma réstia de luz, mirou numa garrafa e cuidadosamente a retirou pra ver seu rótulo, trocar umas cinco palavras sobre ele e sumir.

A garrafa não pesava. Apesar da rolha que o fechava, o vinho estava vazio. Tirou outra, e mais outra. Todas vazias. O cara era mais doido do que ele pensava. A mente de Aphonso havia entendido que vinho seco era, literalmente, seco. Sem nada dentro.

Paulo, de onde estava, não via mais Aphonso e, engegueirado, correu em direção à porta e se bateu numa estante levando diversas garrafas ao chão. E uma estante foi batendo na outra como dominó, destruindo toda a sala. Tonto, engatinhando, Paulo se arrastou até alcançar a saída da casa e sequer olhou para trás pra saber do colega.

Quando retornou, no início da semana, ao trabalho, a mesa de Aphonso estava vazia. Por alguns dias, ninguém havia notado sua ausência.

Num final de tarde, vendo um programa de notícias sensacionalistas na TV, Paulo soube que o colega fora encontrado morto dentro da sua própria casa, preso embaixo de uma estante. Após uma pequena investigação, pelo seu modo de vida, a polícia havia concluído que o sorumbático servidor público, que nunca teve amigos, nem família, havia surtado e debatendo-se em sua própria casa sofrera um acidente fatal. Paulo, que sequer foi ao enterro, adotou a cerveja como sua bebida predileta.



**O TATU
DE PIRAKÊ**

Cardoso Pinto Filho era conhecido por ser um cara chato pra comer. Chato não, insuportável. Chegou um momento em que ele, conscientemente, passou a recusar os convites de sair pra jantar com os amigos. Sabia que seria motivo de mangação. Não suportava mais ouvir: “Como você sabe que é ruim, se nunca provou?” ou “Frescura do caralho, rapaz! Coma logo essa porra!”.

Costumava separar os ingredientes dos pratos por cores. Pimentão pra lá, tomate pra cá, cebola... Nem pensar. Era mestre na arte de desconstruir. Ao final, formava uma ilha monocromática de arroz e farinha, rodeada por carne ou frango assado (mas não muito assado). Se houvesse uma ervilha perdida no meio desse emaranhado todo, tudo seria descartado. De tanto não comer isso, ou ter nojinho daquilo, só Deus sabia como o sujeito se sustentava em pé.

Nunca havia melado a quina da boca com uma laminha de um bom pirão de capão vitaminado de Laranjeiras. Jamais havia se jogado, sem lei, num indescritível lombo de Macambira. Uma buchada de bode de Canindé do São Francisco, rica em miúdos fresquinhos, ou uma maniçoba de Lagarto, um sarapatel... Essas coisas reviravam-lhe o estômago.

A única pessoa que conseguiu a façanha de, por um breve tempo, fazê-lo comer coisas diferentes foi sua avó, quando ainda era pequeno. Dona Arlinda, longe da sua vista, juntava todos os alimentos que havia na mesa, triturava, amassava e fazia bolinhos marrons da cor do feijão. Oferecia, dizendo que eram brigadeiros. Como Cardosinho nunca teve noção de sabor na vida, chegando às raias de sequer saber diferenciar salgados de doces, saía comendo pela casa pilotando seu velocípede. A artimanha foi pro brejo no dia em que sua babá tentou fazer a mesma coisa em casa e ele descobriu tudo.

Certa feita a família de sua namorada, a fim de conhecê-lo, convidou-o para um jantar num restaurante japonês. Cardoso, que nem nos seus maiores pesadelos se viu comendo peixe cru, correu pra pegar algumas dicas na internet, de como fazer aquele troço ser engolido: afogar o sushi num pires de shoyu, passar bastante wasabi (que pelo visto era um tempero nipônico, forte) e colocar todo de uma vez na boca. Quando se viu cara a cara com um bolinho de arroz coberto com uma fatia de salmão presa por uma alga, seguiu o ritual e entupiu o sushi de wasabi. A iguaria ficou toda coberta de um patê

verde, brilhante. Colocou tudo na boca e descobriu que se tratava de uma das pimentas mais poderosas do oriente. Quando seus olhos já estavam saltando da caixa do rosto, cuspiu tudo em cima da quase futura sogra. Nunca mais voltou a ver aquela gente.

Um dia foi intimado por seus pais a ir em uma festa de Bodas de Ouro. Morava em Aracaju, e o chamado chegou dos tios, residentes em Irará, na Bahia. Não teve desculpa no mundo que o socorresse. Socou, até a tampa, uma mochila, com *ruffles*, *pringles*, bonos, deditos e escuretos e já foi preparado emocionalmente pra ser esculachado na frente de toda a família, reunida em peso naquele dia de festa. Para eles, seria, mais que tudo, um grande motivo pra comer e beber. Comer e beber até o cu fazer bico.

No início da adolescência, Cardoso já havia visitado seus tios naquele agreste baiano. Beirando a hora do almoço, a casa se impregnou de um nauseante cheiro de bucho cozido. Prendeu a respiração, invadiu a cozinha a toda velocidade, despejou uma carretada de arroz branco em seu prato e saiu escondido pra comer à sombra de uma jaqueira, antes que todo mundo se reunisse, em peso, pra almoçar de verdade.

Na hora em que a família, enfim, se juntou para degustar aquela preciosidade, fez-se surpreso, alisou a barriga, passeou a língua entre os lábios e mostrou seu prato, já raspado. Foi ovacionado de pé até por sua mãe, que sabia que aquilo era puro truque.

Então, no feriadão em que festejariam as bodas, assim que chegaram a Irará, logo no arriar das malas, já se

via uma mesa toda recheada dos mais variados quitutes baianos: abará, acarajé, xinxim de galinha, caruru, bobó de camarão e uma ruma de outros pratos típicos da região.

Como Cardoso não acompanhou a família na comilança, sua mãe foi ter uma conversa de pé de ouvido com a irmã e explicou, digamos, a questão da seletividade do filho com “determinadas” comidas. Depois de longos minutos de papo, decidiram, a muito custo, fazer sempre pratos separados e exclusivos pro fiducabrunco enjoado. Tudo levaria a crer que Cardoso passaria a viver dias de príncipe.

Numa noite, como constava previamente do roteiro da viagem enviado pela organizadíssima Tia Carminha, um dos eventos da comemoração seria uma visita, em comitiva, a um grande amigo da família, dono do maior terreiro da cidade: Pai Pirakê de Obaluaê: um gigante de quase dois metros do mais puro axé, que certa feita havia curado a matriarca da família, D. Dorinha de Seu Gileno, de uma dor no pé da barriga que a incomodava há séculos. A partir daí, ele foi laureado protetor espiritual de todas as gerações dos Pintos.

A voz do Pai de Santo, gravíssima, parecia abarcar todos os famosos três tenores italianos em uma só garganta. Entoou um “boa noite” tão efusivo que se fez ouvir até por aqueles que sequer haviam adentrado a casa. Parecia que havia nascido com um *subwoofer* embutido na garganta.

Formaram, todos, uma solene fila indiana. Enquanto caminhavam em marcha lenta pra pedir a benção ao

dono da casa, Cardoso teve tempo de sobra pra observar as dezenas de imagens de santos, expostas em todos os cantos das salas. Centenas de velas acesas, cintilantes, derretendo, reluziam no local. O amarelado das paredes se encheu de sombras. A família e a casa se tornou uma coisa só, em movimento.

Súbito, imerso em devaneios, de repente, Cardoso se viu abraçado pelos mais longos braços que o haviam envolvido desde que a parteira, D. Samúsia, o acolheu nos seus e o levou aos peitos cheios de leite da mãe, que ele logo iria rejeitar, por enjoo. Mas ali, naquele momento, era o Pai Pirakê que, em carne, osso e divindade nagô, o acolhia.

A noite foi boa. A energia do lugar, fantástica. E entre todos os presentes, foi justamente em Cardoso que os olhos arregalados do dono do terreiro se detiveram, sem desviar um só segundo.

Na saída, todo mundo abençoado. E um recado dado pela morena Dadinha, que morava lá: que Cardoso voltasse amanhã pra almoçar com o Pai Pirakê. E outro recado: Que ninguém nunca foi doido de recusar um convite de Pai Pirakê.

Durante toda a noite anterior à visita, Cardoso não piscou o olho. Da hora em que se levantou da cama, carregando nos ombros toda coragem do mundo, até o momento em que pegou o rumo do terreiro, se entupiu de *ruffles*, *pringles*, bonos, deditos e escuretos... O objetivo era evitar chegar com fome e tirar da caixola algumas das suas desculpas mirabolantes.

Ao deixar a casa, toda a família o aguardava no portão, para se despedir. Apesar da curta distância que percorreria, parecia um eremita prestes a cruzar o caminho de Santiago de Compostela.

Diante do altar do seu sacrifício, nem precisou tocar a campainha pra entrar. A porta já estava escancarada e a visão de Pai Pirakê, sentado, sozinho, na mesa, diante de uma alguidar de barro com uma coisa dentro que, de longe, parecia viva, marrom, borbulhante, fez correr-lhe um frio na espinha.

Cardoso já se preparava para voltar correndo pro seu quarto, quando foi empurrado violentamente pra dentro daquela casa. Olhou pra atrás assustado e não viu ninguém.

Pai Pirakê, lá de dentro, bradou: *“Seu porra, deixe de frescura, se achêgue, sentaí e relaxe. Hoje você vai comer um dos pratos mais desejados por todos os meus filhos, que são muitos. Vai comer um tatu peba no dendê, com folhas de louro daqui do quintal, adicuris e outras especiarias. Dê cá seu prato que eu mesmo vou te servir. Renha...”*

Cardoso estava imóvel, vendo a mão gigante de Pai Pirakê encher uma colher de pau, também enorme. Nela, cabia quase o tatu todo de uma vez. Cabia o mundo. Depois, o viu enfiar a colher de novo na terrina e buscar o caldo da comida, com as bolinhas de adicuri. Colocou arroz de coco e pôs pirão, bastante pirão, pra dar mais sustança, pois segundo ele, Cardoso estava precisando.

A mesa era comprida, acostumada a receber muita gente. Pai Pirakê ocupava uma cabeceira. O prato de

Cardoso fora posto na outra. Estavam longe, mas frente a frente.

Acomodado na cadeira, com o prato posto, Cardoso, em transe, sentiu algo gelado pegar em seu braço, e depois, na sua mão. Sentiu sua boca abrir inconscientemente e um garfo recheado despejar comida dentro dela. E depois, e depois e depois. Até hoje, ele jura que não se lembra de muitos detalhes daquele almoço. Só lembra de ter reparado, algum tempo depois, que o prato à sua frente estava vazio.

A família não lhe perguntou o que tinha acontecido naquele dia, com o Pai Pirakê, mesmo quando, enfim, no almoço da comemoração dos 50 anos de casados dos tios, serviram um sarapatel de miúdos e Cardoso foi o primeiro a chegar à mesa e repetir o prato por três, quatro vezes.





PINK EGGS

Quando criança eu nunca entendia o porquê de Amaury ficar chateado diante de qualquer brincadeira que fizessem com ele. Chegava até a faltar aula por dias, após um daqueles seus ataques estridentes no corredor da escola, quando, puto da vida, saía quebrando tudo e todos que via pela frente.

Ele era diferente da maioria de nós, todo mundo percebia logo de cara. Quando a gente descobriu os Beatles, ele aprendeu todas as coreografias da Madonna. Quando a gente se melava de lama no baba e jogava um boneco Falcon paraquedista pra cima, fingindo estar em plena guerra, ele se preocupava em maquiar a Barbie dentista que iria conquistar o Ken policial.

Durante toda a época em que estudávamos na mesma sala, praticamente o único contato direto que houve entre nós surgiu da obrigatoriedade de se fazer um

trabalho em dupla. Como ninguém havia nos escolhido para a parceria, vimo-nos compelidos a compartilhar a tarefa que se resumia em representar uma cena de uma peça de teatro, que seria sorteada pela professora de artes. Caiu em nossos colos interpretar nada mais, nada menos, que uma cena de Romeu e Julieta. Aquela em que ela fica na janela recebendo os galanteios de um apaixonado Romeu.

Nos corredores, a molecada já combinava cair pra cima de Amaury, após a apresentação. Senti na pele o que o colega sofria e resolvi chutar o pau da barraca com toda a força. Decidi ser a Julieta. Meu corpo e minha mente sempre foram blindados pra esse tipo de mangação e, como estaríamos separados por quase dois metros de altura, não haveria troca de carícias. Amaury deu show. Parecia um gladiador romano saindo da arena após ter matado dois leões com uma espadada só. Eu fiz uma das interpretações das mais fuleiras já vistas em toda a cena da dramaturgia mundial. Ganhamos a maior nota da classe e enquanto todos, no final, me abraçavam, vi Romeu deixar o auditório solitário e invisível. No final das contas, acho que naquele dia salvei a sua pele. À noite, sonhei com Macbeth saindo das páginas de outro livro pra me degolar.

E foi só passar um tempinho pra turma voltar a encarnar em Amaury. A mente criativa e diabólica da molecada logo começou a espalhar que ele deveria ter os ovos rosas. Naquela fase de se dar apelido a todo mundo, ganhou a alcunha de Pink Eggs. A palavra

“bullying” ainda não constava dos dicionários da época.

Um dia essa conversa chegou aos seus ouvidos e ele, definitivamente, desapareceu das nossas vidas. Soubemos por um parente seu, que também estudava na escola, que ele havia se mudado para São Paulo. Foi viver na casa de uns parentes e estudar por lá.

Passaram-se os anos. Adolesci, namorei, casei, separei-me, casei de novo, separei-me de novo, casei mais uma vez e me separei novamente, mas durante esse casa-não-casa tive filhos com todas as esposas. Um dia aluguei uma Kombi e juntei a molecada toda pra comer hambúrguer no point mais badalado da cidade, cujo chef, recém chegado na cidade, era tido como um ogro, bruto, mal caráter, mas que cozinhou como poucos.

Estava comendo batatas fritas selvagens com molho cheddar, levemente apimentadas, salpicadas com sal vulcânico do Himalaia, quando um idiota passou por mim, dando um empurrão. Virei e reconheci, de cara, a figura de Amaury Pink Eggs, trajando elegantemente a dólmã dos chefs.

Reconheci porque alguns traços daquele moleque, outrora franzino, ainda ficaram guardados na minha mente. O cara forte, careca, barbudíssimo e todo tatuado, com jeito de macho alfa predador, dificilmente remeteria meus colegas àquele guri acuado de outrora. Sou daqueles que não gravam nomes, mas não esquecem as fisionomias.

Naquele momento, resolvi não falar com ele. Vai que ele não me reconheceria, depois de tantos anos. Ou,

pior, lembraria de mim e me toraria no meio, por acreditar que eu fazia parte daqueles que o zoavam. Ele agora um monstro atlético e eu um velho barrigudo.

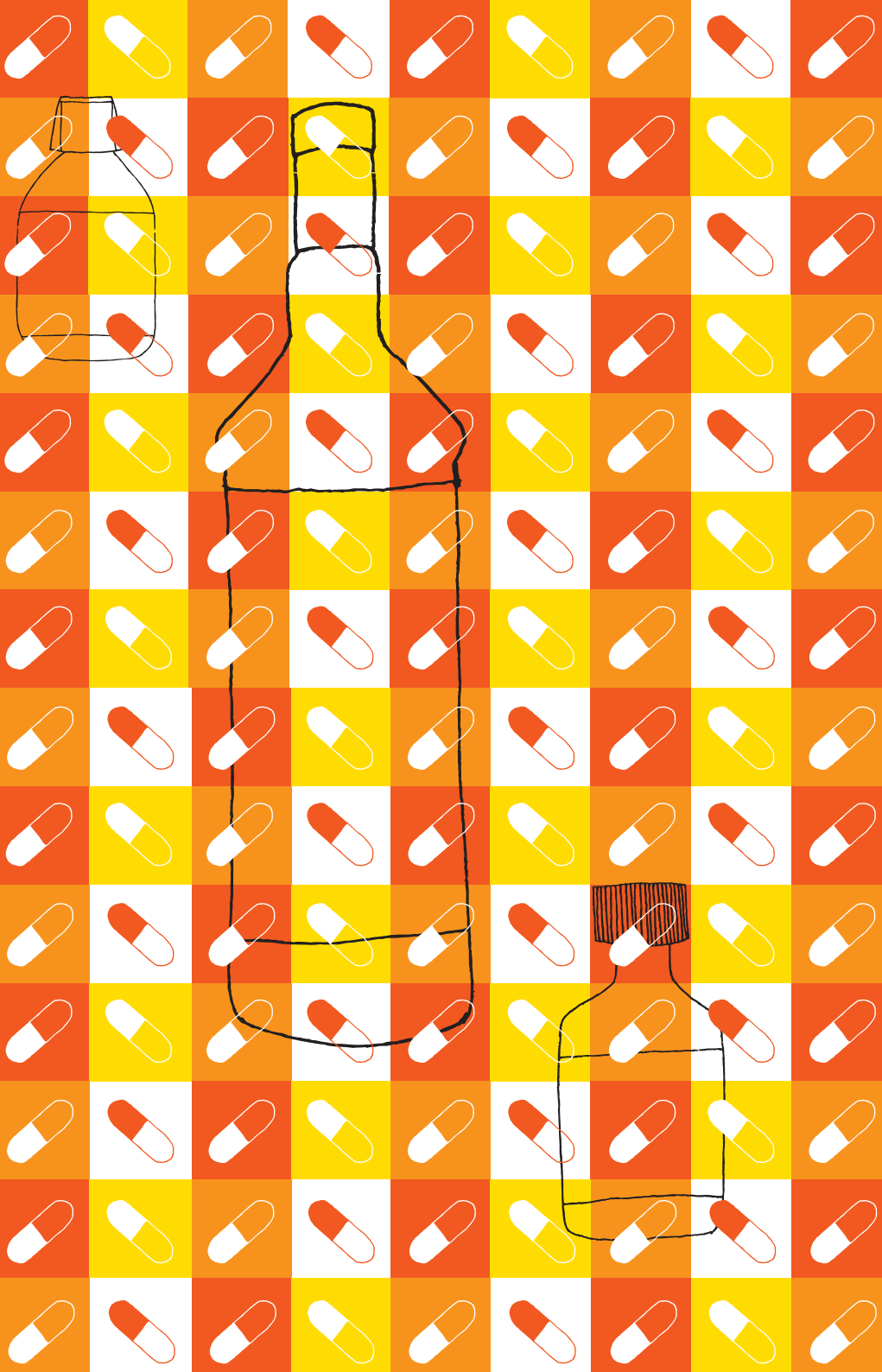
O rango do cara realmente era muito bom. Resolvi voltar sozinho depois, beber um chop american IPA no balcão e me reapresentar pra saber se ele era de fato ele mesmo e perguntar sua história. Da minha parte, nunca tive nada contra ele. Até nutria-lhe uma certa simpatia. Ora bolas! Cada um com a sua idiossincrasia. O termo “idiossincrasia” sempre constou dos dicionários, desde a época de Machado de Assis.

Duas semanas depois, saí do trabalho, ainda engravatado, e fui pra lá, sozinho, tomar uma gelada e conversar com ele. As portas estavam fechadas. Na porta, sequer um aviso de mudou-se. Descobri depois que Amaury era mesmo o Amaury, lendo uma notinha num jornal. Relatava que o cara tinha tido uma discussão com uns clientes e depois saía batendo nas garçonetes, nos garçons, nos subchefes e em todo mundo que lhe atravessou na frente.

Algumas semanas mais tarde fui comer um acarajé na praia da Atalaia e vi o cara jogando frescobol com um amigo, naquela área em que a água do mar toca a areia e a deixa acimentadinha, durinha, propícia para a prática do tal esporte que nunca será olímpico. Novamente fiquei sem saber como abordá-lo, mas quando estava comprando uma água de coco recebi um tapinha nas costas e ouvi: Juvenalzinho, é você mesmo, meu preto?

Papo vai, papo vem, arrisquei perguntar da sua vida. Disse que não guardava mágoa de ninguém da escola, que já havia superado tudo e que estava em Aracaju de passagem, porque não suportava viver nessa terra de ninguém, que tinha vontade de bater em todo mundo e que ainda iria participar de mais um projeto na terrinha, mas que logo em seguida iria se mudar. Convidou-me pro lançamento do evento.

No dia marcado eu estava lá. Todo de linho, cabelo cortado, unhas aparadas. Mas ele não. Segundo me disseram, havia rolado no chão aos murros, horas antes, com um dos ajudantes, que, num rompante de criatividade suicida, havia preparado uns ovos de codorna temperados com vinagre e raspas de beterraba pra decorar os pratos no melhor estilo botecão. Os ovos haviam ficado rosinhas da silva.





SANTO REMÉDIO



Às 5 horas da tarde, Eliseu se arrumou para sair. Estava com uma tosse que já durava semanas. Tomou todo tipo de xarope, já havia terminado uma cartela de antibiótico... e nada. Mas, naquela noite, tinha um encontro com uns amigos e não seria por uma besteirinha daquelas que ia levar falta.

Durante a farra, foi apresentado a um médico que, entre uma cervejinha e outra, percebeu que ele não conseguia terminar uma frase sem se engasgar, tossindo. Disse-lhe que o procurasse imediatamente no dia seguinte. Sabia curar aquilo rapidinho. Era a sua especialidade. Eliseu não tinha mais a quem recorrer então, ali mesmo, marcou uma consulta com o desconhecido.

Na hora marcada, chegando ao consultório, pela porta de vidro, viu o Dr. Peixoto de rodo na mão, com um balde ao lado, passando pano no chão. Não tinha secretária.

Ele mesmo abria a porta, marcava as consultas, atendia o paciente, recebia o dinheiro e dava um grau no local.

Quando o viu, o doutor, com naturalidade, levou-o à sua sala e foi direto ao assunto: “Eliseu, meu amigo, eu bebo, tu bebes, ele bebe, né? Então não vai ter antibiótico no mundo que dê jeito nessa tosse de cachorro. O efeito do remédio no seu corpinho é o mesmo que entupir um copo de uísque com pedrinhas de gelo achando que vai beber menos álcool”.

“É, doutor!”, disse Eliseu, dando ênfase no “doutor”, para tentar trazer maiores formalidades a sua consulta, acrescentando: “e o problema agora é que, de uns dias pra cá, me apareceu umas pontadas no coração. Pesquisei na internet e acho que são gases. Espero!”.

Dr. Peixoto sequer pegou o estetoscópio pra auscultar o ronco do pulmão de Eliseu ou as batidas do seu coração aflito. Foi logo pegando o bloco de receitas. Passou uns 5 minutos escrevendo garranchos, de cabeça baixa, mão na testa, como se estivesse recebendo alguma mensagem do além. Depois destacou com força a folha do receituário e a jogou em sua direção. Eliseu teve que dar um pinote da cadeira para alcançar a folha ainda rodopiando no ar.

“Taí, amigo. Três vezes por dia, durante dois dias. Se não melhorar pode vir aqui pegar seu dinheiro de volta”, disse, com ar de uma seriedade forçada, o Dr. Peixoto.

Eliseu ficou tão perdido que sequer leu a receita na hora. Agradeceu, pagou e correu pra um boteco em que os amigos o estavam aguardando, pois já estava atrasado.

Somente quando chegou à casa, de madrugada, bêbu cego e numa tosse buldoguiana, ao esvaziar os bolsos da calça achou um papel amassado. Aos poucos foi lembrando que havia ido ao médico logo cedo. Apertou os olhos pra tentar enxergar a receita:

“Para tosse: 1 dose diária de alcatrão, mel, limão, uma pitada de pimenta do reino. Amassa um denticinho de alho e joga uma rapinha de nanuscada por cima. Agite antes de usar.

Para os peidos: 1 dose de Jurubeba Leão do Norte (gelado ou natural, mas natural faz efeito mais rápido). Pode-se substituir a jurubeba por uma cachacinha Milone pura.”

Receitas à base de cachaça. Esse cara é o Stephen Hawking dos médicos e encontrou o buraco da minhoca da minha vida, pensou Eliseu. Depois de dois dias, realmente foi curado.

Não havia somente encontrado um médico. Havia encontrado, mais que um amigo, um anjo. Casaram, adotaram uma criança, e participaram de um episódio do GNT sobre a nova cara das famílias brasileiras.

LÍDIO's

BISTRÔ





SELFIE SERVICE



Lídio amava cozinhar. Não cursou faculdade, nem era muito dado a leituras sobre o assunto: “Cozinhar é dom, meu camarada! O cara já nasce sabendo ou não vai ter livrozinho e estudo que dê jeito. Esse cara aí, o ‘Gordon Não Sei Das Quantas’, um inglês, sabe porra nenhuma de comida, bicho! Esses caras são tudo produto de marketing.”

Um dia, Lídio ganhou uma grana numa ação de indenização por dano moral. O alarme antirroubo de uma loja havia disparado indevidamente quando ele passava, após ter comprado um pacote de Ruffles. Foram tantas seguranças caindo em cima dele que se sentiu um homem-bomba subindo a escada de um avião da *American Airlines*.

Pegou o dinheiro da causa e abriu um “bistrô” sem nem saber que porra era um bistrô. Achava o nome bonito – Lídio’s Bristô.

Se o nome já era difícil de falar, a comida era inimaginável de comer. Terrível. Aquele troço ficava grudado na boca e não descia nem com um litro de Coca-Cola. Nem fazendo bochecho com Listerine se tirava o gosto ruim.

Lídio misturava banana com azeitona, servia peixe ao molho de morango e um risoto tão apimentado que quase não se distinguia os grãos do arroz das lascas das mais variadas pimentas que ele introduzia no prato – dizia que era um molho tailandês que ele havia reinventado.

“Eu gosto de trabalhar com *fusionfood*. O que se come aqui não se come em lugar nenhum. Meus pratos levam minha assinatura”, orgulhava-se o chef.

Mas o certo é que o bistrô vivia às moscas. Quem ia provar não voltava jamais e ainda aconselhava os amigos a passarem bem distante dali. Os poucos pratos servidos voltavam quase intocados pra cozinha, e Lídio se indignava dizendo que o povo não tinha cultura suficiente pra entender o conceito vanguardista de sua comida.

Após seis meses, rendeu-se às evidências do seu fracasso. Foi demitindo auxiliar de cozinha, lavador de pratos, garçons, chegando ao ponto dele mesmo atender um possível e destemido cliente, fazer a comida e limpar a casa.

Era uma segunda-feira, fim de noite, quando Lídio estava sentado sozinho numa mesa terminando de ver o Fala que Eu Te Escuto, quando ouviu um arrastar de cadeiras atrás de si. Quatro pessoas se sentavam e ele foi recebê-los. Notou, entre aquela turma, um conhecido cantor sertanejo que estava perdido em Aracaju procu-

rando um local para jantar com sua equipe, já que tudo estava fechado na cidade naquela hora e naquele dia.

Após a demora habitual para compreender o cardápio muito louco que Lídio oferecia, os clientes fizeram seus pedidos e ele foi pra cozinha. De lá de dentro, observou o famoso cantor levantar o celular e fazer uma selfie.

Como de habitual, no fim da noite, os pratos retornaram quase intocados para a pia, mas a partir daí, precisamente após a postagem da foto do cantor ter viralizado na internet, com a enigmática legenda “sem comentários...”, o Bristô de Lídio virou point obrigatório na cidade.

Acho que, a bem da verdade, nunca ninguém conseguiu comer suas gororobas, mas, até hoje, vejo lá uma página impressa da foto do cantor, emoldurada e pregada na parede, onde a clientela, cada vez maior, faz selfies com a selfie.



The image features a repeating pattern of wine glasses on a solid orange background. The glasses are arranged in a grid of 8 rows and 7 columns. Most of the glasses are identical, with a yellow-to-orange gradient fill and a white outline. However, in the 8th row, the 6th glass from the left is a different style, appearing as a simple, clear glass with vertical ridges. The text "VINHO NÃO É PARA TODO MUNDO" is centered horizontally across the middle of the grid, spanning from the 2nd to the 7th row.

VINHO NÃO É PARA TODO MUNDO

I

Quando me chegou às mãos o convite do aniversário da Eduarda eu já fiquei pilhado. Eduarda é daquelas amigas que a gente só vê de ano em ano, no dia do aniversário, quando ela dá o ar da graça no Brasil. Passa a vida viajando, como facilmente dá pra perceber nas postagens quase diárias em suas redes sociais.

O título “Queijos e vinhos” já encabeçava o glamoroso convite de um finíssimo papel de seda, que elegantemente exalava um aroma remetendo aos luxuosos jantares da nobreza francesa que eu nunca fui, nem nunca seria convidado a ir. Logo abaixo vinha escrito: Traje Passeio Completo. O que, em outras palavras, quer dizer: vou ter que correr atrás de terno, camisa, gravata, calça social, cinto, sapato novo... Enfim, terei que fazer antes

um passeio completo pela casa dos amigos em busca do que deles caiba em mim.

Mas saltemos do choque inicial do convite e vamos direto à festa, porque Eduarda é uma velha amiga de infância e por mais que eu quisesse inventar uma desculpa para não ir, ela não o permitiria.

II

Eduarda entrou de gaiata nessa história. O personagem principal é seu pai. O sujeito é um ex-pracinha que diz ter participado da Força Expedicionária Brasileira, trazendo até hoje na perna uma “filha da puta de uma bala atirada por um alemão igualmente filho da puta” na batalha de Monte Castelo, quase no fim da II Guerra Mundial.

Que o velho manca, isso ninguém duvida, mas o porquê, de verdade, eu nunca consegui saber. Uma vez até tentei, mas ele me olhou com uma cara de que estava prestes a iniciar a III Guerra Mundial ali mesmo, e resolvi esquecer de vez essa história e levantar a bandeira branca do esquecimento.

III

Chegou, enfim, o grande dia da festa e estávamos eu e minha namorada parados em frente à porta de entrada da casa, combinando que um não deixaria o outro sozinho em meio àquela gente com cara de capa da Caras.

Abre-se a imensa porta, tal qual a imensa porta do Castelo de Kafka (embora, pelo que me conste, essa nunca tenha sido aberta) e, com a surpreendente intimidade daqueles que quando criança brincavam de gato-mia no escuro, o velho guerreiro militar nos acolhe com um caloroso abraço. “Que bom que vocês vieram, essa molecada que tá aqui hoje, criada nas merdas da internet e do WhatsApp, não tem substância nenhuma pra ter um papo com uma pessoa do meu naipe. Venham para minha mesa, os dois. Já! É uma ordem!”. Soltamos em uníssono um tão seguro “sim senhor” que fez o velho reviver seus grandes momentos de quartel.

Na mesa dele havia um casal e mais uma senhora, recém-saídos do período elizabethano. Assim que fomos apresentados, minha fiel companheira disse em voz alta para que todos ali ouvissem: “Amor, fica por aqui um pouquinho que eu vou atrás da Eduarda e volto logo logo.” Passariam umas duas horas até que ela retornasse devidamente bêbada, na maior animação, portando uma caipirosca nevada na mão.

IV

Depois que largou as armas, a paixão de Seu Gélzio – permitam-me dar logo nome aos bois – voltou-se com toda força ao “misterioso” mundo dos vinhos. Ele não conseguia falar de outra coisa: que acha um absurdo como alguém pode degustar um vinho branco numa taça bojuda ou um vinho tinto numa taça comprida, que

a existência do Santo Graal, que é um símbolo sagrado, sendo uma taça de vinho, comprova que o vinho é uma bebida santa. Que acha um absurdo alguém chamar vinho suave, de vinho. Que a máxima ‘nem tudo que é caro é bom’, jamais se aplica aos vinhos. Que vinho não é bebida, é um estado de espírito. Que não é qualquer saca-rolha que serve pra abrir qualquer vinho. Que vinho isso, que vinho aquilo...

Só sei que eu já estava quase virando um sommelier e meu bico continuava seco seco. Ele lá segurando uma imensa taça de cristal dando tantas voltas no ar que praticamente já havia uma correnteza própria dentro dela. Ele jamais me permitiria sair dali. Enquanto os demais componentes da mesa só balançavam a cabeça, eu era o seu ‘escada’. Eu era o Dedé do Didi, o Dean Martin do Jerry Lewis, o Robin do Batman, o Daniel Alves do Messi... Era eu que educadamente preenchia seu silêncio na hora dos seus tão valorizados gols com perguntas meticulosamente aptas a futuros e eloquentes discursos.

Seu Gézio já estava há séculos naquele papo interminável e já ignorava praticamente todo o resto da mesa. A conversa agora era comigo, o único que sabia fingir ser o melhor e mais curioso ouvinte do mundo. De repente ele me vem com essa história, de cunho confessional: “Olha, Marçalzinho, vou abrir meu coração pra você. O que eu mais sinto falta é de alguém que compartilhe esses momentos comigo. Pra apreciar um vinho, a pessoa tem que ter, acima de tudo, cultura. Diga-me, seja sincero, como é que eu poderia dividir uma garrafa de um

raríssimo *Château Mouton-Rothschild 1982* com alguém que jamais se preocupou em interpretar Baudelaire ou se emocionou com Flaubert? Que nunca verteu lágrimas diante de um Monet, no Louvre?”.

Pronto. O velho estava milionário e com uma intelectualidade insuportável de um Faulkner. Além de bêbado, é claro. Mas ele insistia, borrifando sua saliva azul dentro do meu ouvido: “Vamos, me diga! Olha, ainda bem que você está aqui pra dividir comigo esse momento de angústia. Você beberia vinho com um semianalfabeto? Jamais! Venha, vamos brindar. Ô garçom, traz aí uma *cervejinha* bem gelada pro Marçalzinho, que ele tá de bico seco!”.

Saindo de lá, prometi a mim mesmo que no outro dia faria uma visita ao meu cunhado, autodenominado “O Furão”, que gosta de beber Vinho do Frei em copo de requeijão, e quando só tem tinto seco, acrescenta Coca-Cola e gelo, que é pra ficar mais docinho.



JANELAS



Naquela manhã, Aracaju amanheceu coberta de neve. Não havia surpresa nisso. O inverno chegara e eu tinha ouvido no rádio a previsão do tempo em que Gidelvand alertava a todos que evitassem sair de casa até que os coletores de neve da prefeitura limpassem as ruas. E Gidelvand nunca errava.

Eu adorava esse período, quando podia sair na rua de gorro, cachecol, luvas e botas. O chato era o inevitável aumento da conta da energia, porque o aquecedor do apartamento ficava ligado o tempo todo. Afora isso, nada como acordar cedo e degustar um café expresso, saboreando *croissants* quentinhos ao som das valsas vienenses que a Xodó FM tocava.

Sabia que naquele dia não veria Roberta, minha namorada. Ela e aquela mania de se enfiar na distante praia de Pirambu, a fim de acompanhar a desova dos pinguins.

Aproveitaria aqueles dias pra acabar de ler alguns livros.

Livros que havia traído, abandonado, jogado descuidadamente na estante. Trocado por outros que, naquele momento, julgara mais interessantes. Mas, no fundo, aquilo me deixava inquieto.

Ao passar diante da prateleira em que jaziam, evitava olhá-los como quem cruza com um antigo amigo e desvia o olhar pra não ter que dar satisfação de uma ausência tão prolongada. Um código de conduta invisível, milenar, faz com que, nesses casos, não haja sequer um breve cumprimento entre dois amigos. No caso daqueles livros, eles haviam me levado muito longe, revelado segredos sequer sonhados por mim e, assim, do nada, eu os havia relegado impiedosamente ao limbo da minha biblioteca.

Na noite anterior, havia pegado, aleatoriamente, quatro deles. Alinhei-os, cuidadosamente, na mesa da sala. Diante de mim, encaravam-me uma biografia de Jack Kerouac, outra de Van Gogh, o primeiro volume da autobiografia de Karl Ove Knausgard e o *Submissão*, de Michel Houellebecq.

Resolvi começar revisitando o cenário congelante do norueguês Karl Ove. Já estava pra mais da metade de “A morte do pai”, em que ele narra sua adolescência, escondendo cerveja em buracos na neve pra depois encher a cara com os amigos. As cervejas norueguesas devem ser maravilhosas. Imaginava aqueles canecões vikings, imensos, entupidos de um encorpado líquido transbordando lúpulos fresquinhos pra todo lado. Resolvi acompanhá-lo e tomar a minha cervejinha puro malte que estava gelando na varanda. Era um gole dele lá, outro meu cá.

Como, no dia anterior, havia degustado um surpreen-

dente Chateau du Canindé, uma leve dor de cabeça – causada, não pela qualidade do vinho em si, pois o *terroir* do sertão sergipano há muito havia presenteado o estado com uvas dignas dos campos europeus, mas talvez por não ter me hidratado o suficiente – retardava um pouco minha leitura.

Quando, enfim, conclui o primeiro livro, ainda me sentia nauseado. Resolvi postergar a leitura dos outros para mais tarde. Já era meio-dia e nem sinal do coletor de neve. Sempre ouvia quando ele passava. Então, nada de sair de casa. Improvisaria um almoço, daria um cochilo e depois me agarraria com os livros que restavam.

Sem perceber, dormi de óculos no sofá. Fui despertado pelo barulho do coletor. Já era quatro da tarde! A cada eleição, o novo prefeito prometia, em campanha, trocar a frota, mas, no máximo, fazia, mal e parcamente, uma revisão nos carros. Por isso viviam quebrando o tempo todo no meio das ruas ou, quando realmente funcionavam, era aquele escarcéu todo.

Pela janela, invejava os jovens passando pra esquiar na pista do Parque dos Cajueiros. Aquilo não dava mais pra mim. O corpo e a preguiça não ajudavam. O negócio era passar outro cafezinho e ficar, desta vez, na companhia de um Van Gogh desprezado pelos impressionistas, por sua família, pelos vizinhos e quase até por ele mesmo.

Levei-o junto ao peito, fechei os olhos, respirei fundo. Quando percebi, um sol tão forte que dava pra ver o desenho de suas chamas alaranjadas e cintilantes, brincava no céu. Corri pra varanda e as ruas, secas, estavam cobertas de girassóis.



The background of the entire page is a complex, dense pattern of wavy, concentric lines in shades of yellow and orange. These lines are interspersed with numerous small, dark red, teardrop-shaped leaves or petals, creating a textured, organic feel. The overall effect is reminiscent of a microscopic view of a plant or a stylized representation of a forest floor.

O ORÉGANO SUSPEITO

Carlinhos e Helena se conheceram num encontro de jovens promovido pela igreja do bairro. Helena tinha fé em Deus. A fé de Carlinhos era pura e simplesmente em que Helena, um dia, se jogaria nos seus braços. E foi o que aconteceu.

Certa noite, ao sair do cinema de braços dados com a outra metade da sua laranja, cuja sessão, apaixonado que estava, não prestou atenção sequer nos trailers, ele reencontrou uma velha amiga. Antes, quando andavam juntos, sua vizinha, Luz, era hippie. Hoje era neo hippie. Trazia pendurada no pescoço uma mandala espelhada, sustentada por um colar de fios de bananeira que mataria Janis Joplin de inveja.

Luz os convidou para jantar no final de semana. Morava sozinha, numa casa alugada pelos pais, na beira da praia, e adorava receber os amigos, tomar um vinho, preparar uma comidinha e ouvir o bom e velho rock'n'rol dos anos 60/70.

Logo de cara, Helena achou Luz muito saidinha. Estilossinha demais. Mas pra não demonstrar ciúmes logo no início do namoro, disse que adoraria ir.

A casa da amiga de Carlinhos não tinha sofás, cadeiras ou camas. O ritual, ao entrar, era deixar os calçados do lado de fora, pra não contaminar a casa com energias estranhas àquele ambiente purificado. O negócio era se abraçar a uma almofada sobre o tapete estilo indiano e relaxar.

No fundo, Carlinhos sabia que aquilo estava bem longe de ser a vibe de Helena, criada nos rigores formais de um tradicional colégio católico da cidade. Mas Luz sabia cativar os convidados e ele se viu surpreso ao perceber que a namorada, que havia saído de mãos dadas com a amiga pra conhecer os ambientes da casa, voltava com um copo de sangria na mão, descontraída.

Luz saiu e depois gritou da cozinha que havia preparado um prato com macarrão. Sua especialidade. Levava o nome de Macarrão do Bleuzinho. Devia ser em homenagem a algum amigo dela, sussurrou Carlinhos no ouvido de Helena.

De repente, surge uma tigela gigante com um macarrão branco entupido de orégano. Caía orégano pelas beiradas. Luz os serviu. Não era de todo o mal. E, quanto mais iam comendo, iam relaxando. Helena desatava a rir de qualquer coisa que se falasse. Deveria ser efeito do vinho, refletiu o namorado. Pediu a receita, mas Luz disse, sorrindo, que essas coisas não se contam, que é pros convidados voltarem.

Depois, comeram uns bolinhos de sobremesa. Helena passou do estado de relaxada para o de dormente. Disse que não estava sentindo nem os braços, nem as pernas. Nada. Co-

meçou a embolar a língua. Carlinhos também se sentia meio zonzinho.

Nem perceberam a chegada de um rapaz, que Luz depois apresentou como seu “namorado”. Ele cumprimentou a todos e seguiu para a cozinha, pra procurar uma cerveja, quando reparou a tigela com as sobras do macarrão. Gritou: “Luz, caceta! Como é que você prepara aquele macarrão com maconha e não me chama, sua desalmada? Não vai me dizer que também fez bolinhos!”.

Os olhos de Carlinhos procuraram por Helena, mas ela estava em altos papos com um Buda verde, encostado no canto da sala. Ele tomou a iniciativa, olhou para o relógio e disse que já estava passando da hora de ir embora. Luz se dizia indignada, que a noite ainda não havia sequer começado.

Alguns anos depois, já casados, ao fazer compras num supermercado, o casal a reencontrou. Desde aquele dia não a viam. Tentaram se esquivar, mas não teve jeito. Ela correu ao encontro deles pra comunicar que havia casado e que tivera trigêmeos. Apesar da postura um pouco diferente, Luz agora carregava um ar mais sério. Disse que havia largado as drogas, pois estava amamentando, e os intimou a fazer uma visita para conhecer seus bebês. Morava na mesma casa. Precisavam conhecer os pequenos: Raio, Estrela e Luar. Carlinhos convenceu Helena. Seria uma visitinha rápida.

No dia combinado estavam comendo chocolates caseiros, vendo os trigêmeos cochilando numa rede, quando entra o marido de Luz. Quando os viu, ele logo disse: “Gente, não é uma delícia esse chocolate preparado com o leite materno que Luz inventou de fazer?”.

LÁ VEM O SOL





Curió era cheio de ideia boa. Pelo menos estava convencido disso. Quando encasquetava num projeto, ia até o fim. Quem quiser que o chamasse de doido, lunático... Ligava pra nada, pois tinha convicção que sempre estava certo!

Numa noite, quase de madrugada, ligou-me pedindo pra passar com urgência na sua casa, porque havia feito um testamento e queria deixá-lo comigo, seu melhor amigo, acaso algo lhe acontecesse na sua nova empreitada. Ele tinha apenas 27 anos. Era muito novo e saudável para se preocupar com riscos de vida. A coisa devia ser séria.

Acordei cedo para ir ao município de Adustina, divisa da Bahia com Sergipe. Ia ver como andava minha plantação de milho, cuja safra estava altamente comprometida diante da falta de chuva e da abundância de sol.

Se já não estava dormindo direito por causa dos meus próprios problemas, a ligação de Curió, aflito, deixou-me insone durante toda a noite. Passaria na casa dele antes de pegar a estrada.

Joana, sua namorada, há uns três meses, havia se mudado para a casa dele e já me aguardava plantada na porta, com os olhos arregalados e o cabelo em pé, de uma noite mal dormida, implorando pra que eu fizesse Curió desistir daquela ideia insana. Mas iria deixar que ele mesmo me contasse, pra não arriscar que fôssemos pegos de surpresa conversando sobre a tal coisa. Seria pior. Aí é que não largaria a ideia.

Encontrei-o no quintal, calmissimo, dando comida aos cachorros. Deu-me um abraço, um fraternal beijo na bochecha e me chamou para conversar na mesa, enquanto tomávamos o café da manhã. No caminho, não entendi o porquê, disse que aquela seria praticamente sua última refeição.

Iniciei a conversa: “E aí, compadre! O que é que você está aprontando dessa vez?”.

“Juvenal, é o seguinte. Há um mês, vi na internet uma entrevista de um cara fantástico, evoluído mesmo, dizendo que tinha parado de se alimentar. Melhor, ele resolveu se alimentar somente da luz do sol. Como as plantas. Fui me aprofundar sobre isso e tenho certeza que todos nós somos escravos da alimentação. É mais um produto que a mídia nos impõe e a gente, como besta, sempre cai nessas trapaças.”

Era a segunda vez em menos de 24 horas que o sol

me tirava do sério. Primeiro, minha plantação destruída pela seca, agora, vinha Curió, com essa conversa. Mas eu conhecia muito bem aquele olhar decidido, ao ponto de saber que não havia argumento em todo o universo que o fizesse abdicar daquele projeto.

Perguntei: “E Joana? Ela não está grávida? Como é que ela fica, se algo pior acontecer com você?”

“Pode ficar tranquilo. Ela também vai participar dessa experiência. E veja bem! Será até melhor para o bebê, que já nascerá sabendo que não precisará comer nada nessa vida. Veja o sol, rapaz! Isso é a mais pura fonte de energia da nossa galáxia! E outra: bastam cinco minutos por dia e nossas baterias já estarão carregadas.”

Joana passava, pra lá e pra cá. Sem dar um pio. Alisava e olhava, angustiada, pra sua barriga de quatro meses. Como eu, estava sem palavras.

Curió, como quem tira da manga um argumento inquestionável, disse que, em razão da purificação espiritual que aquele processo lhes traria, eles ganhariam a capacidade de entrar em contato direto como seres extraterrestres, fazer amizade e até passear numa boa em discos voadores.

Realmente, não adiantaria mesmo falar nada. Só pedi que ele me informasse diariamente suas condições, o que negou prontamente, pois não ficariam naquela casa, e sim, num local distante, secreto, pra ninguém os incomodar. Nos primeiros dias, eram muito importantes a paz e o silêncio. Seriam fundamentais para que tudo corresse bem.

Quando me levantei pra sair, Curió me entregou a pasta com o testamento, para que eu cuidasse de tudo, se, por qualquer fatalidade, algo saísse errado.

Fui embora sem sequer me despedir de Joana. Não tive coragem de encará-la. Sabia que eu era sua última esperança. E que falhara.

Quatro dias depois, à tarde, recebi um telefonema dela. Quase não entendia sua voz, dizendo que estava preocupada porque Curió, morto de fome, tinha comido uns amendoins e aquilo lhe dera uma diarreia tsunâmica. Avisou que estavam em sua casa. O tempo todo estavam escondidos lá.

Corri à casa dos amigos. Dessa vez, foi ele que me recebeu na porta. Estranhamente, estava praticamente com a mesma aparência saudável de antes. Confessou que logo no primeiro dia, quando a barriga começou a roncar que nem uma louca, escondido da namorada, passou a tomar água de coco e, sempre que podia, petiscava uma coisinha aqui, outra ali. E que não tinha tido a porra de contato extraterrestre nenhum. Não revelou à Joana a verdade pra não dar a mão à palmatória. Seu orgulho era mais forte que tudo, mas que agora o projeto ganhara outras proporções e alguém precisava cuidar dela com urgência.

Dentro da casa, jogada no sofá, encontrei Joana, praticamente em pele e osso, quase cadavérica. As bochechas, chupadas. Os olhos, de um branco anêmico que dava pena. Sem consultar Curió, cego de raiva, coloquei-a no carro e parti voando pro hospital. No cami-

nho, ela, que estava todo o tempo calada, perguntou-me, quase sem voz, como estava a vida das pessoas aqui na terra.



A EXPOSIÇÃO



Messias era considerado um dos melhores fotógrafos da cidade. Havia feito inúmeros cursos e tinha um equipamento invejável. Às vezes, largava tudo e sumia por meses. Embrenhava-se nas matas, metia-se em alto-mar, visitava cidades históricas.

Ali, residia um mistério – apesar da sua fama, conquistada exclusivamente pela propaganda que fazia dele mesmo e pelas notícias de suas viagens, ele nunca mostrava seu trabalho a ninguém. Dizia que ainda não havia feito nada interessante, digno de ser revelado ao mundo.

Foi com surpresa que, num fim de semana, ao folhear um jornal, vi um anúncio de uma exposição sua, prometendo uma mostra de todo o conjunto da sua obra. Logo a notícia, como um flash, disparou pela cidade. Seria mesmo verdade que ele era tudo aquilo que dizia sobre si mesmo?

No tão aguardado dia, uma longa fila de curiosos se aglomerava para entrar na galeria. Nem nas exposições de artistas já tarimbados havia tanta gente. Já passava da hora da abertura e perguntei a um camarada na minha frente se havia algum problema, pois me disseram que a exposição já havia começado. Ele disse que foi avisado que só podia entrar uma pessoa por vez, e que o próximo só entrava quando o outro saísse.

Pedi pra guardar meu lugar e fui atrás de uma pessoa que acabava de sair pela porta dos fundos. “Então? O que tem lá dentro?” Uma foto, ela respondeu. Uma única foto. E a pessoa estava em êxtase. “Que foto! Messias é o cara!”. E me explicou como era. Parecia ser incrível mesmo.

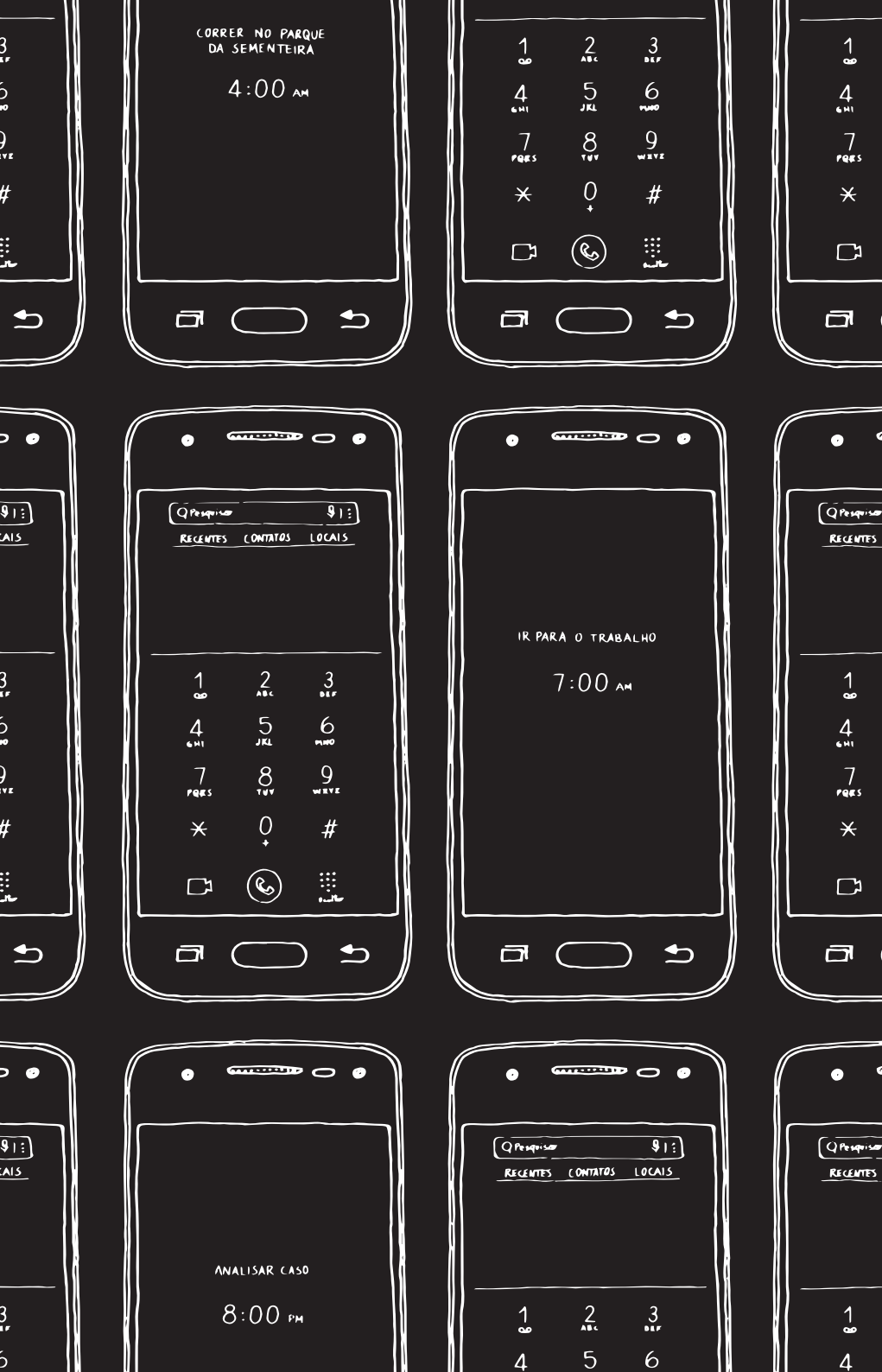
Voltei para o meu lugar e, cerca de uma hora e meia depois, estava diante da foto de Messias. Sensacional, indescritível. Mas estranhamente não tinha nada a ver, nem de longe, com o que aquela pessoa da saída, e outras que havia questionado, havia descrito. Encontrei uns caras conhecidos na porta e cada um descrevia a foto de uma maneira totalmente diferente.

Intrigado com aquilo tudo, sentei num barzinho próximo à galeria e resolvi tomar umas cervejas. Lá pelas tantas, quando voltava caminhando para casa, dei mais uma olhadinha para a galeria, já fechada, e reconheci Messias saindo rapidamente lá de dentro. Ninguém o vira até então.

Peguei-o de surpresa: “Então, meu velho! Finalmente, hein? Todo mundo saiu maravilhado hoje daí de den-

tro, mas o que foi que você fez, realmente? Porque escolheu aquela foto? E uma única foto, por quê?”

“Na verdade, não escolhi foto alguma. Aquela foi a única fotografia que tirei em toda a minha vida. Está tudo dentro dela. E cada olhar só enxerga o que lhe interessa”.



CORRER NO PARQUE
DA SEMEITEIRA

4:00 AM

1 CD 2 ABC 3 DEF
4 GHI 5 JKL 6 MNO
7 PQRS 8 TUV 9 WXYZ
* 0 + #
[Camera] [Phone] [App Drawer]

1 CD 4 GHI 7 PQRS
* [Camera]

Q Pesquisa
RECENTES

Q Pesquisa RECENTES CONTATOS LOCAIS

1 CD 2 ABC 3 DEF
4 GHI 5 JKL 6 MNO
7 PQRS 8 TUV 9 WXYZ
* 0 + #
[Camera] [Phone] [App Drawer]

Q Pesquisa
RECENTES

1 CD 4 GHI 7 PQRS
* [Camera]

IR PARA O TRABALHO

7:00 AM

Q Pesquisa
RECENTES

ANALISAR CASO

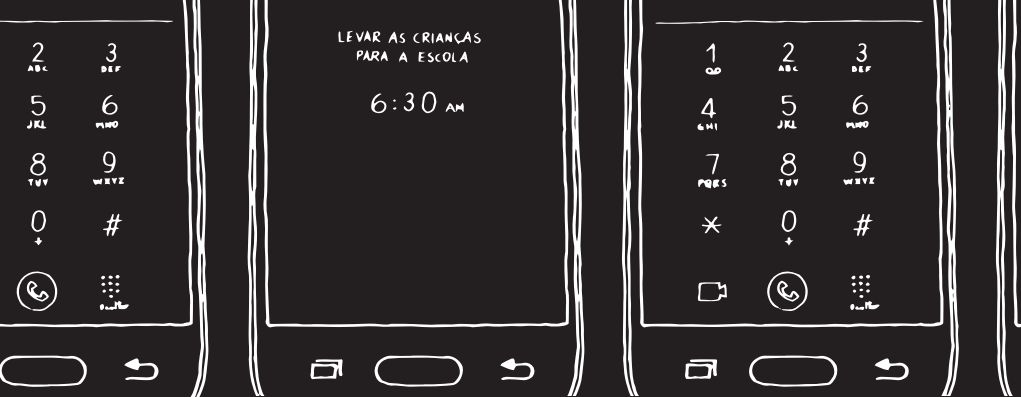
8:00 PM

Q Pesquisa RECENTES CONTATOS LOCAIS

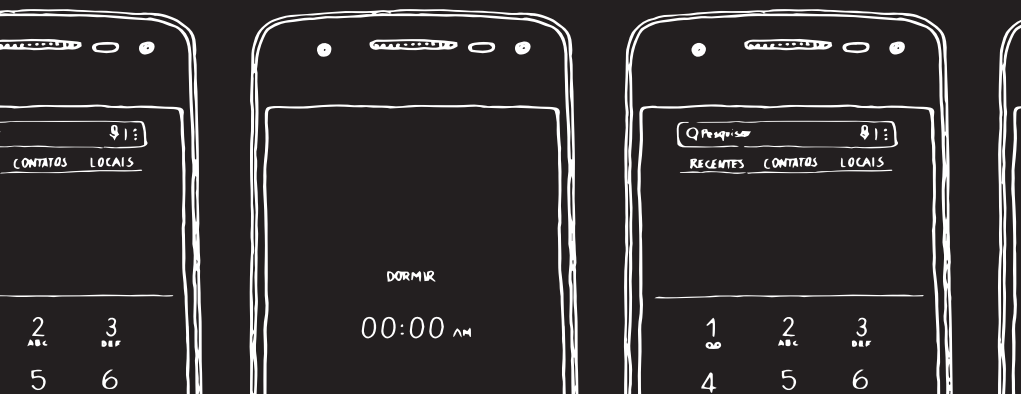
1 CD 2 ABC 3 DEF
4 GHI 5 JKL 6 MNO

Q Pesquisa
RECENTES

1 CD 4 GHI



UM HOMEM DE CONFIANÇA



Olímpio era advogado criminalista. E dos bons. Dizia que sua clientela era fruto da confiança que lhes passava. Bastava olhar para ele que, mesmo calado, sereno, sem demonstrar qualquer temeridade ante os escabrosos casos que ouvia, a pessoa tinha a mais absoluta certeza que estava nas melhores mãos de Aracaju.

Na faculdade, ninguém dava um conto por ele. Só aparecia no começo das aulas pra responder à chamada e depois saía pra jogar conversa fora nos corredores. Os colegas temiam passar cola pra ele porque sabiam que os professores marcavam quem sentava ao seu lado, já que ele não tinha condições de escrever uma linha. Depois os mestres comparavam as notas e o cúmplice se arrombava.

Gostava de cinema. Especialmente dos filmes em que advogados faziam milagres nos tribunais, livrando a pior espécie de bandido. Sonhava em ser o Advogado

do Diabo, de Hannibal Lecter, de Bin Laden ou até do Coringa do Batman. Quem estudou com Olímpio sabia que ele era doido da pá virada.

Mas depois de formado, um milagre. Logo na primeira causa defendeu um cara que havia explodido um caixa eletrônico, com tudo filmado pelas câmeras do banco. Olímpio, valendo-se do fato que o atrapalhado ladrão perdera um braço na hora do furto, alegou uma inacreditável legítima defesa, sustentando que seus dedos haviam ficado presos pelas garras do mecanismo enquanto ele tentava retirar o dinheiro. Livrou seu cliente. Depois dali, filas se formavam em seu escritório. Enricou.

Apesar da famosa sobriedade no trabalho, no dia a dia, à paisana, ele era o sujeito mais afoito do planeta. Daquele tipo que é tão agoniado que tudo que lhe acontece e não lhe afeta, imediatamente deleta da mente. Não gostava de perder tempo na vida. Quatro horas da manhã, já estava tomando o rumo do Parque da Sementeira, onde corria, religiosamente, cinco quilômetros por dia. Voltava para casa, onde já encontrava seus filhos arrumados para ir à escola. De lá, pro trabalho, quando só voltava às sete da noite. Para trabalhar de novo.

Era em casa que ele se sentia à vontade pra varar a madrugada destrinchando os mais intrincados casos. Trancava-se em seu gabinete, acomodava-se na penteadeira e, quando ainda lhe restavam forças, jogava-se no sofá pra assistir alguma série policial na Netflix. Resumindo: dormia de 3 a 4 horas por dia.

Numa noite, sua esposa, que não estava autorizada,

nem por decreto, a invadir seu gabinete para incomodá-lo, gritou da sala para que fosse correndo ver, na televisão, o incêndio que havia destruído a casa de toda uma família da periferia, deixando uma criança morta. Pela reportagem, só a mãe, que no momento da tragédia trabalhava como doméstica muito longe dali, havia sobrevivido. Coisa mais triste do mundo, dizia ela.

Como Olímpio estava podre de cansado, sem dar atenção àquela prosa, resolveu ir ao banheiro lavar o rosto pra despertar. Tinha ainda um agravo para terminar. Colocou os óculos ao lado da pia, ensaboou as mãos e quando massageava meticulosamente suas sobrancelhas, acreditou reconhecer a voz da mulher que dava entrevista.

Correu, Tateando de olhos fechados, até a sala, e sua vista, ainda espumada e ardente de sabão, enxergou o vulto de uma senhora que, aos prantos, amparada por algumas pessoas, dizia: “Mas eu avisei! Eu avisei!”.

Olímpio se jogou no braço do sofá, derrubando um prato que, mal acomodado por ali, teve dois segundos para tomar conhecimento da lei da gravidade e se espantificar no chão. Ele também, no susto, ao tentar segurá-lo, meteu a testa na quina da parede e se estatelou no piso. Hera, sua esposa, correu em socorro.

Aos poucos, Olímpio foi recobrando a consciência. Nesse tempo, a esposa, com o celular na mão, ligava pro Samu.

“Pare! Eu tô bem. Precisa nada não. Já tô bom. Desliga isso!”

“O que foi que houve, amor? Pode me explicar, pelo

amor de Deus? Vou buscar uma aguinha pra você”.

Na volta da cozinha, Hera encontrou um Olímpio pensativo, preocupado, com aquela cor de burro quando foge que ela já conhecia e que sempre dava o tom à sua pele quando ele se metia em alguma enrascada.

“Olímpio! Desembuche! Você conhecia esse povo?”

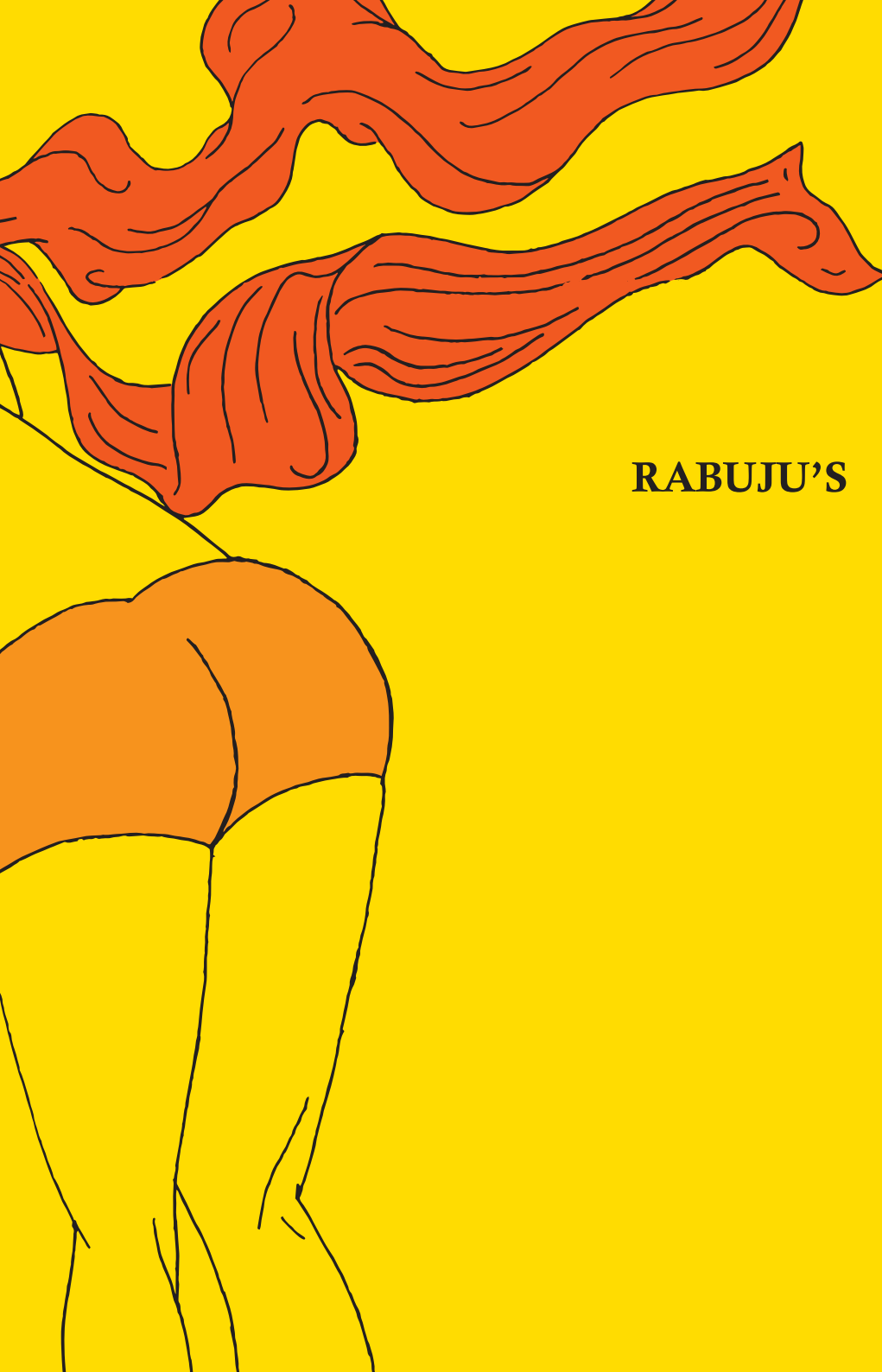
“Calma. Deixe eu te contar. Havia esquecido... mas deixa eu falar... Hoje cedo, quando estava chegando ao trabalho e acabava de estacionar, uma senhora me parou no meio da rua, pedindo pra usar meu celular, porque precisava urgentemente ligar pra sua casa. Logo de cara, pelo jeito de se vestir, percebi que não tinha cacife para ser minha cliente e não dei muita atenção. Ela disse que tinha deixado o fogão ligado. Tava fazendo o feijão do almoço, pro filho, e como estava atrasada pra pegar o ônibus e ir trabalhar, esqueceu de apagar o fogo. Meu celular estava sem bateria pra ligar naquela hora mas anotei o número dela na palma da mão. Morava no Bugio, e me comprometi a ligar pra avisar ao seu filho, que tava dormindo lá, enquanto o feijão já devia estar esfolado na panela de pressão. No meio do caminho, encontrei uns amigos que me chamaram pra tomar um cafezinho naquela padaria embaixo do prédio e, papo vai, papo vem, esqueci de ligar pro garoto. Putaquiupariu! Agora vou ser eu quem vai arder no fogo do inferno”.

Hera sentou ao seu lado, e calmamente perguntou: “E por acaso você mora aqui em Aracaju ou no interior do Amapá?”.

Olímpio, cego de dor na consciência, havia errado

de mulher, mas só sossegou mesmo quando, no outro dia, foi mais cedo ao trabalho e ficou aguardando a senhora do feijão passar, que lhe disse que não tinha botado fé que ele ia se importar com ela e então tinha ligado de um orelhão, a cobrar, pra sua casa, avisando o filho a tempo. “Desculpe a sinceridade doutor, mas quando olhei pro senhor não senti confiança não...”





RABUJU'S

Castor tentava entrar no pique da galera. A festa estava no auge. Todos bêbados, dançando eufóricos antigas canções do Chiclete. Mas ele não se soltava. Quando pensava em cair na farra, a realidade do seu estado de desempregado o botava pra baixo. Lembrava que no outro dia todo mundo acordaria de ressaca, mas ele acordaria de ressaca e quebrado pela cepa. Já não tinha mais a quem recorrer para pedir grana e emprego que é bom, nada.

No meio do empurra-empurra, foi parar na varanda da casa, onde uma roda de amigos jogava conversa fora. O papo é que haviam aberto um bar novo na praia, o Rabuju's, e que a novidade do local era que todos os garçons eram gays. Se não fossem, não seriam contratados. Uma conversa dessas rolando entre machos alfa, obviamente era motivo de deboche, mas para Castor, que talvez fosse o cara mais guloso por mulher ali dentro, poderia ser uma

oportunidade de emprego. Jogou uma conversa mole e conseguiu descobrir onde ficava o local.

Assim que acordou, pegou o primeiro ônibus e se picou pro tal bar. Antes de procurar o proprietário, ficou observando o comportamento dos garçons. Gritaria da porra. Uns estavam até maquiados. Os trejeitos, mais que exagerados. Todos brincavam com os clientes, piscando o olho, chamando de gatinhos na frente das suas mulheres. No fundo, aquilo ali parecia mais um teatro. Tinha amigos gays e eles não eram daquele jeito. Aquilo era gay pra turista ver. Cada um ali era uma “Priscila, Rainha do Deserto” à beira-mar.

Castor, facilmente, identificou o dono. Estava todo arrumado, de linho branco, mais branco que as dunas da praia, bigodão bem feito, fumando um charuto no balcão, e dando ordens. Apresentou-se, do modo mais afeminado que conseguiu fazer, e disse que “estava desesperada procurando emprego”.

Amílcar era o dono. Um cara curto e grosso que foi logo direto ao assunto: “rapazinho, você não é viado. Também tô pouco me lixando pra isso. Quase ninguém aqui é. Praticamente só eu mesmo, e acho foda ficar botando a galera pra se fingir de viado só pra fazer meu negócio funcionar. Esse mundo machista-capitalista é uó! Mas pra sua sorte, hoje faltou um cara. Vá se produzir que se você for bom mesmo a gente conversa direitinho. Bote pra fora a fera ferida que existe aí dentro de você e conquiste a freguesia. Feche com a peruca!”.

Atordoadado com a rapidez do contrato mega tempo-

rário, Castor foi levado a um vestiário por outro garçom. O rapaz já foi avisando que ele ali jamais trabalharia com aquele nome. O dele, por exemplo, era Rodolfo e agora era Brígida. “Além do mais, Castor é uó, né, amore! Você não quer dar uma de lenhador aqui, né!”, concluiu o colega.

Dera-lhe o uniforme rosa-pink-fashion-week do garçom que havia faltado e quando ele botou as canelas pra fora do banheiro, saiu pra efetivamente trabalhar, passou pelo proprietário, que disse: “Castor, sua praça de trabalho vai ser essa aqui mesmo, perto de mim, pra eu poder te observar”. Castor respondeu: “Não me chame de Castor. Meu nome é Ludimila.”

Ludimila deu show. Subia em cima das mesas. Aperitava a bochecha da clientela. Rebolava. Falava parecendo uma diva funkeira carioca.

Após um tempo assim, incorporou de vez a personagem que criara e quando foi chamado, no final da tarde, por uma mesa, somente quando deu uma bundada na coxa do cliente, percebeu que ali estava a mesma turma de amigos da festa do dia interior. Seus amigos.

Carlão, seu amigo, professor de Muai Thai, levantou da mesa na hora e falou: “Que porra é essa, Castor! Que caraio é que você tá fazendo aqui desse jeito, brother?”.

Ludimila em segundos voltou a ser Castor e se lembrou da penúria em que estava passando. Das noites sem dormir. Do pouco que tinha pra comer. E também em segundos voltou a ser Ludimila. E disse, com altivez: “Abafucaso, amore. Abafucaso! Vai comer ou quer que embrulhe?”.





PONTO CEGO



Todo mundo tem um parente em que lhe falta ou sobra alguma coisa. Uns não enxergam direito, outros não ouvem bem, há aqueles que falam alto demais, os calados, e por aí vai. Mas Marcos tinha um tio que agregava em si todas essas características, somadas a uma gigantesca falta de juízo. Seu nome era Roque. Popularmente conhecido como Roque Doido.

Marcos ainda recordava o sussurro do seu paraninfo ao encaixar o canudo de bacharel em Direito em suas mãos, anos atrás, dizendo: “lembre-se de fazer um bom uso do que você aprendeu aqui na faculdade”. E já se iam sete anos, ao longo dos quais lutava para fazer valer o comando do seu mestre. As causas pingavam: uma ali, outra acolá, mas dinheiro, que é bom, não lhe parava quieto no bolso.

Eis que um belo dia seu pai o chama dizendo eufórico que o tio Roque havia telefonado, dizendo ter conseguido

um emprego para o sobrinho ser advogado da Prefeitura de Aracaju. “Como assim? Advogado da Prefeitura?”. “Isso eu não sei, mas Roque, apesar da fama de doido, tem suas influências e conhece gente do mais alto escalão, espalhada por várias repartições da cidade. Não menospreze seu tio”.

Quando adolescente, Marcos conheceu Roque. Ele já não enxergava direito e vivia se batendo em tudo quanto é quina de mesa, armário, camas e demais móveis que possuísem cantos pontudos. Daí seu outro apelido: Ponto Cego. Mas a falha da visão compensava na altura da sua voz. O que ele sussurrava numa esquina, ouvia-se como grito numa outra.

Havia também uma conversa na família de que ele havia ficado rouco após uma noite em que, em casa, numa madrugada, devido a uma queda de energia, havia tateado no escuro até o banheiro, procurando não fazer barulho. Quando sentou no vaso sentiu um frio na espinha ao perceber que havia sentado em cima da sua avó, que havia chegado ali antes dele e estava caladinha no seu canto, obrando e pensando na morte da bezerra. O grito de Roque acordou a casa toda e reza a lenda que foi por isso que sua voz é rasgada até hoje. Um rouco que fala alto. Roque Rouco.

Mas na pindaíba em que Marcos estava, não havia escapatória. Não poderia deixar escapar aquela oportunidade. Era colocar o melhor terno, seu perfume mais caro e partir ao encontro do tio que não via há anos. Combinaram de se encontrar em frente à prefeitura.

Segunda-feira, logo no início do expediente, estava lá o “Dr. Marcos” – parecendo um Cônsul sueco perdido no

calor infernal do centro de Aracaju – quando escuta de longe a voz estridente e amplificada do seu tio: “Marquinhooo! Isso é que é profissional! Pontual todo!”.

Marcos o reconheceu pelos óculos Ambervision que ele sempre usava. Ambervision são aqueles óculos que as lentes, no sol, ficam escuras, e na sombra ficam claras. Os óculos de Roque, independente da luz que lhe caísse nas lentes, estavam sempre escuros. Era ele chegando e se batendo em todos os retrovisores dos carros que se encontravam no caminho.

O tio, ao se aproximar, para cercar de formalidade o encontro, adquiriu um aspecto sisudo, seríssimo, pois, afinal de contas, era sua oportunidade de passar na cara de toda a família que era capaz, sim, de conseguir altos cargos para seus entes queridos.

“Dr. Marcos, quanta honra meu DOUTOR! Olha, fica tranquilo que já está tudo encaminhado aí dentro. Siga-me, data vênia, por obséquio”, disse, cheio de orgulho, como quem havia ensaiado essa frase anteriormente e estudado minuciosamente o momento de dizê-la.

Marcos procurou não questionar nada e confiar “cegamente” na influência do seu tio perante as autoridades locais. Seja o que Deus quiser! As coisas são assim mesmo. Quando a gente não procura é que elas aparecem e caem no nosso colo de paraquedas. São desses pequenos detalhes que surgem os grandes homens e as grandes conquistas. Quem quiser que não consiga ler as poderosas entrelinhas do universo, refletia Marcos, repetindo essas frases feitas, como um mantra.

A cada passo que Roque dava pelos corredores da repartição, ao longo dos quais distribuía vários cumprimentos a todos que passavam, Marcos já visualizava o seu dia a dia de trabalho naquele prédio, cruzando por aquelas pessoas distintas que o tratariam com todo o respeito que cabe a um doutor.

Já se via despachando com o Prefeito de Aracaju, tomando um cafezinho Nespresso com biscoitinhos de goma, quando foi puxado de volta à realidade ao reparar Roque Doido, imóvel, em frente a uma sala tomada por funcionários.

Todos estavam em suas mesas, com um ar de quem se preparava para enfrentar o início de uma nova semana – mais uma semana em busca de suas tão sonhadas aposentadorias. Uns abriam seus e-mails, outros liam o jornal. Vários conversavam entre si revisitando o fim de semana.

Então Roque brada, literalmente, em alto e bom som: “Pessoal, bom dia para todos!”. E nada. Ninguém sequer moveu a cabeça. Roque olhou para Marcos e se sentiu o cocô do cavalo do bandido, de tão desprestigiado ante a propaganda que havia feito de si mesmo. Roque fora ferido em sua honra, e na frente de um familiar.

Tentou outra vez. Nada. E mais outra. Nada.

Marcos não acreditou quando viu a mão de Roque passar, à todo vapor, pelo seu ouvido e se estatelar numa mesa que estava ao seu lado. “POOORRAAAA! Ninguém tá me vendo aqui não, caralho!!!!!!”. Aí não teve jeito. Fez-se um silêncio sobrenatural naquela sala – a maior sala do mundo – e todos voltaram imediatamente seus olhos para Roque.

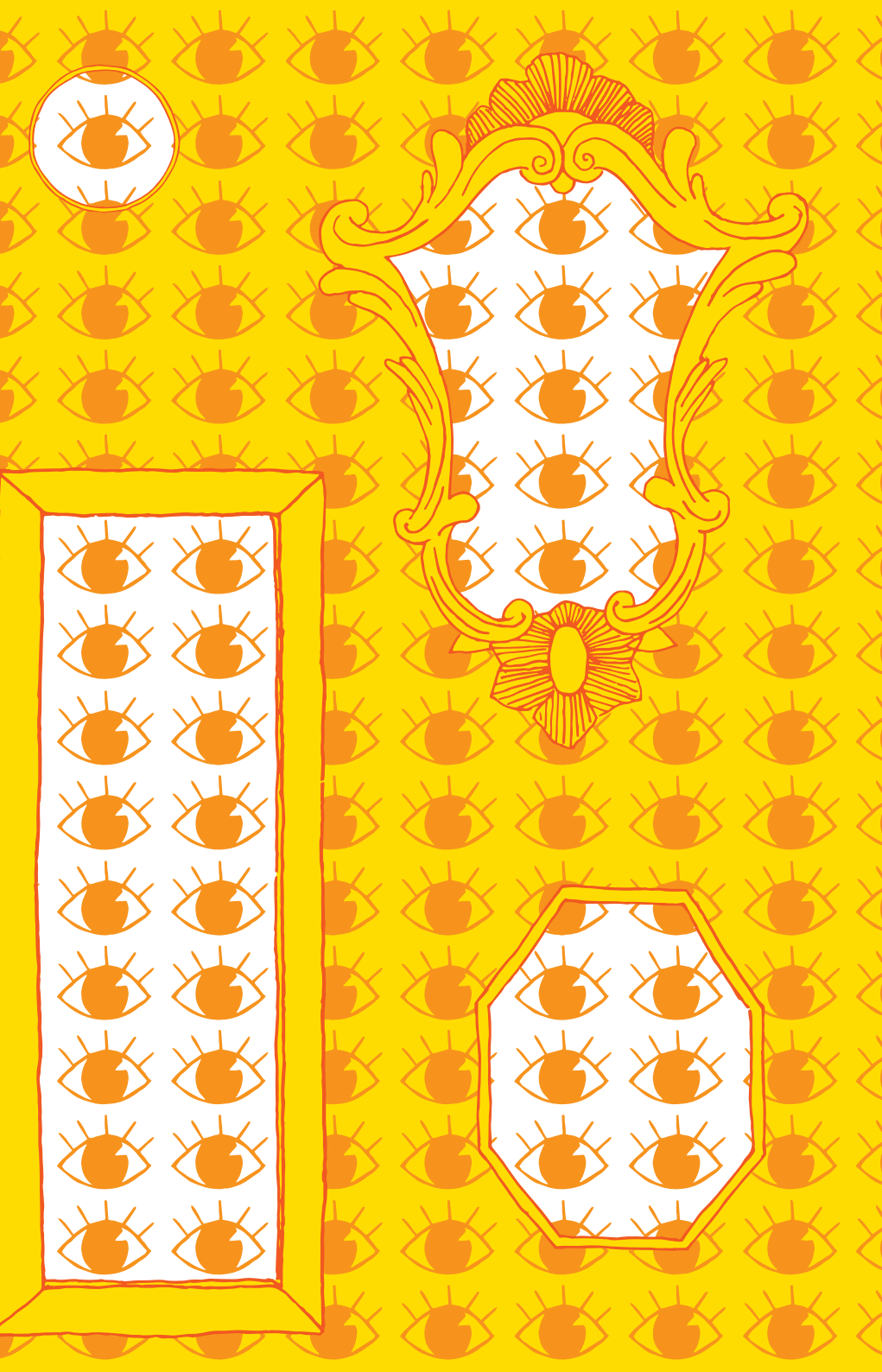
Para Roque Doido. Para Roque cada vez mais doido.

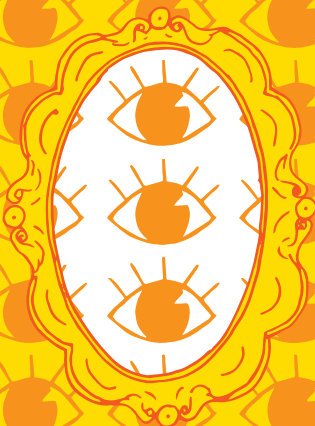
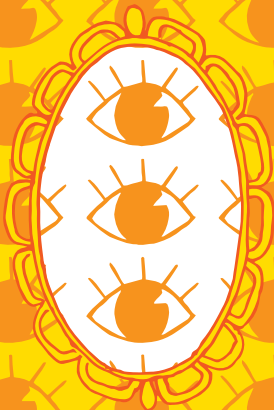
Só após infinitos 2 minutos ele recobrou sua “serenidade” e começou a falar: “Pessoal, bom dia. Esse aqui é meu sobrinho – o Dr. Marcos. Ele começa a trabalhar aqui hoje.” O silêncio continuava. Algumas bocas escancaradas. Olhares perplexos. Uma gota límpida de suor despenhou silenciosa e deslizante da têmpora de Marcos.

Roque deu um passo à frente e começou a desfilar pela sala tal qual o grande momento de um ator na hora do seu monólogo final. Era o grande dia da sua vida. Começou: “Dr. Marcos, essa moça loira aqui, a fortinha, com a boca melada de empada, vai ser a sua secretária. Esse aqui ao lado dela, com cara de preguiçoso, será seu office boy – qualquer coisa, tipo pagamentos no banco, cafezinho, jogos da mega, você pede pra ele – aquele baixinho careca é que vai tirar xerox pra você, aquela mesa ali vazia será a sua mesa, traga fotos da família pra decorar que fica bonito viu...”.

No meio daquele discurso, Marcos, cujos importantes momentos da vida lhe passavam na cabeça, tal como dizem acontecer com aqueles que se despedem da vida, não ouvia nem enxergava nada já há algum tempo. Pediu a palavra para pedir desculpas a todos pelo grande mal-entendido provocado por aquele senhor e partiu imediatamente sem olhar pra trás, sob os gritos de Roque: “Dr. Marcos! Volte aqui, Doutor! Faltando o trabalho já no primeiro dia! Que pouca vergonha, rapaz”.

Correndo até seu carro, Marcos decidiu se matricular imediatamente num cursinho para concursos.





EDILSON ATRAVÉS DO ESPELHO



Edilson era um cara belíssimo, galã de novela, invejado pelos colegas. Mais que isso, sabia como, e a hora exata, de chegar nas meninas mais cobiçadas do colégio. Já com os meninos, não era dado a muita conversa. Aquela áurea de mistério que o rondava deixava todo mundo louco de curiosidade. O papo que rolava era que era sobrenaturalmente avantajado. Só podia.

A fama de espadaúdo, conquistada pelas fofocas maliciosas das meninas e pelos comentários invejosos dos meninos, afastava-o de qualquer convívio social entre seus pares. As garotas, na flor da idade, temiam se deixar levar pelos seus galanteios e o medo de perder a virgindade com algo tão grande as amedrontava. Os garotos, por sua vez, sequer dividiam o vestiário após a natação pra não perderem a autoestima.

Foi a muito custo que Gilmar, um gordinho es-

pinhento da sala, quase sem amigos, conseguiu finalmente quebrar aquele iceberg que separava Edilson dos demais mortais. CDF, começou a lhe passar cola nas provas e logo ficaram amigos. Mais tarde, confidentes.

Uma tarde, durante o lanche, Edilson o chamou num canto reservado para conversar sobre algo que o havia deixado apreensivo. Contou, ignorando toda falta de experiência que os separava, que havia ido a um motel com uma garota e que, antes de mostrar-se para o que tinha ido, foram no banheiro para tomar banho e comentou, ao admirar todo o seu *sex appeal* em frente ao espelho, que ia pedir, pelo interfone, um vinho. Assim que deixaram o banheiro, em roupões personalizados do recinto, Edilson sentiu um frio na barriga ao reparar numa mesinha em frente à cama, uma garrafa de um tinto merlot seco, e duas taças. Ele sequer tinha feito o pedido.

“Gilmar, eu juro, cara! A porra do espelho era vazado. Os caras filmam a gente o tempo todo. Deve ter um canal de vídeos secretos na internet só de coisas assim. O mundo tá fodido. Nunca mais eu piso num lugar desses! Já pensou, alguém da minha família entrar num site desses de fudelança e se deparar com minha rola gigantesca se intrometendo numa menina!”.

Gilmar, que nem em sonho conhecia os tão desejados ambientes, ouvia a tudo, embasbacado. Sua experiência em motéis se resumia ao Bates Motel de Psicose, de Hitchcock, e aquele filme o fizera tomar banho em sua casa sempre com a porta do banheiro aberta. Suas

experiências sexuais se resumiam ao cine privê da Band ou às garotas-frutas do programa Cocktail, de Miele.

Depois desse dia, Edilson contou que sempre arranjava uma desculpa para saciar seus desejos em outros locais. Como usava o carro dos pais, na maioria das vezes, era ali mesmo. Quando não, qualquer sauna, banheiro ou duna de praia servia.

Outro dia, Gilmar arriscou perguntar o que ele fazia para nunca tomar fora de mulher. Ouviu outra confissão. Edilson era apaixonado por Michaela, a ruiva cinematográfica do segundo ano científico, mas, para o seu azar, ela era a única mulher que resistia valentemente às suas investidas. Isso o tirava do sério e obviamente aumentava ainda mais sua obsessão.

Duas semanas após essa conversa, numa festa, Edilson a viu passar, destilando sexo, em sua frente. Michaela também o viu, mas, claramente, disfarçou. Sabia que ele ia chegar junto. Percebendo aquilo, ele resolveu mudar sua estratégia e ignorar a garota. Às vezes cruzava sem querer por ela e viu que não largava uma taça de vinho. Percebeu também que, dançando com as amigas, ficava cada vez mais soltinha.

Entediado com a iminência de mais um zero a zero, Edilson já tomava o rumo da porta de saída quando sentiu um cutucão nas costas. Era ela. Em carne e curvas.

Ele abusou de todos os seus recursos de garanhão. Fingiu que estava com sono e o escambau, mas no fim acabou ficando até o fim da festa, sob a condição de

que ela voltasse de carona com ele. Esperou Michaela ficar pra lá de Bagdá na cachaça e pronta para o abate e a levou para o carro.

Michaela, mesmo beba cega, continuava com seu jogo duro e disse que não transaria com ele no carro nem que a vaca tossisse. Não tinha jeito. A única saída seria ele deixar pra lá aquela besteira de espelho em motel. Melhor! Iriam em outro, pra não arriscar.

Lembrou que tinha ouvido no rádio, que haviam inaugurado um motel novo, o “Frente & Verso”, e resolveu apostar naquela novidade.

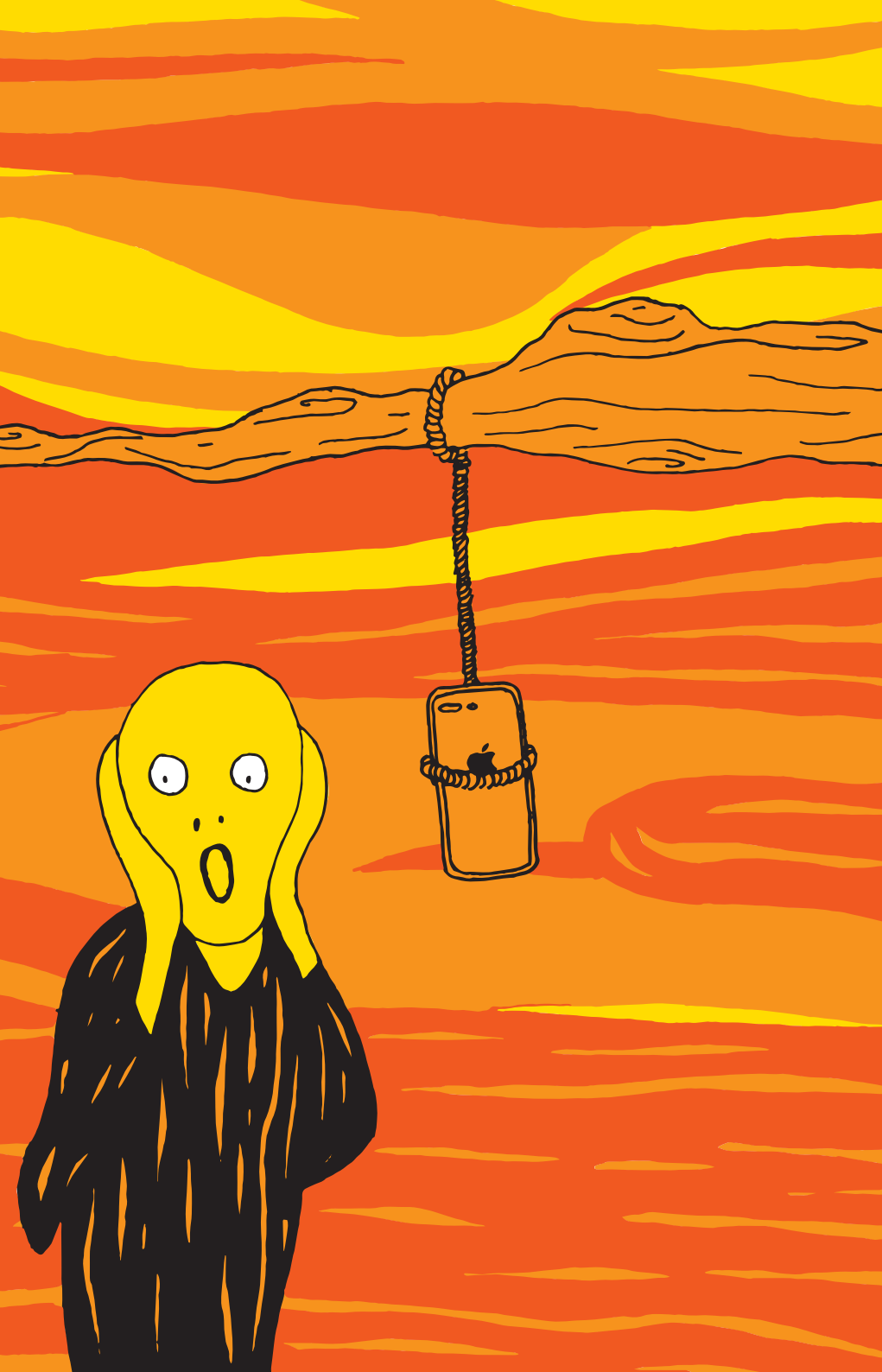
O coração de Edilson palpitava quando parou na portaria e escolheu o quarto mais caro. Uma tal de suíte alto-luxo-class 3D. Não fazia a menor ideia do que significava aquele 3D, mas, pelo preço, deveria ser algo que elevaria a sua noite de amor às dimensões jamais alcançadas por um ser humano.

Assim que Edilson adentrou no quarto e acendeu a luz, o sangue sumiu-lhe do corpo. Não caiu no chão porque Michaela, que estava abraçada a ele, mesmo tonta, o segurou. O quarto era totalmente espelhado. O pé da cama era espelhado, a maçaneta era espelhada, o chão, o teto, tudo. Se seu momento de amor não fosse filmado ao vivo naquela hora, no mínimo, Monga, a mulher-macaco, sairia correndo de um espelho daqueles.

Ainda bem que Michaela estava tão fora de si que não percebeu que nada aconteceu entre eles. No outro dia, Edilson ligou para pedir-lhe desculpas pela sua be-

bedeira e lhe confessou que, por respeito, não tocara nela.

O futuro os uniu. Casaram, tiveram filhos e Michaella nunca entendeu porque Edilson a proibira de colocar espelhos nos banheiros da casa.





A TUMBA

O tempo fechou na casa de Jobson Silvisson. Sua esposa, Jocácia, o imprensava contra a parede, aos chutes, aos berros, perguntando o que ele havia feito. Tinha certeza que ele era o culpado. Ninguém some assim, do nada. Já procurara no quintal, no oitão, nos armários. Já havia chegado às raias da loucura e do desespero ao abrir a geladeira e destampar a máquina de lavar... nada.

Quem não conhecesse Jocácia, que a comprasse. As frases que postava no Instagram pregavam mais paz do que Buda, do que Gandhi, mas no dia-a-dia, era um barril cheio de pólvora prestes a explodir.

As pessoas começavam a ligar no telefone fixo da casa, pois ninguém estava conseguindo falar com ela. Logo Jocácia, que já ao primeiro toque do celular atendia. Ela era tida como uma pessoa sempre disponível para conversar a qualquer hora do dia. E era mesmo.

No começo da noite a casa começou a encher de amigas e seguidoras. Todas preocupadas. “O certo, mesmo, é ligar pra polícia, gente!”, falou Flavinha, futura criminalista. “Eu tenho um tabuleiro ouija e a gente poderia dar as mãos e tentar contato”, sugeriu Carol, sempre mística. “Acho que é questão de tempo e quando a gente menos esperar, vai aparecer!”, sussurrou Monique, positiva toda.

Quando a maioria já havia saído, ficaram em casa somente Jobson, Jocácia e Joana, uma amiga íntima do casal que, diante daquela situação catastrófica, temia que o pior acontecesse quando eles estivessem a sós. Joana já havia presenciado uma situação em que os amigos, ensandecidos, corriam pela casa com espetos de churrasco, travando uma luta medieval pós-moderna-gastronômica porque Jocácia descobriu uma conversa sensual, no celular dele, com uma ex.

Despretensiosamente, quando já deixava a casa, que jazia num silêncio sepulcral, pois o casal já estava sem se falar há horas, Joana fez uma última tentativa e ligou para o celular da amiga. Um som, baixo, distante, fez-se ouvir. Era o toque do celular de Jocácia.

As amigas entreolharam-se e deram as mãos. Seguiram o som até um quadro pendurado na parede. Uma reprodução fuleira de “O grito”, de Edvard Munch. Jocácia, abruptamente, retirou apressada a obra que gritava, sendo muda, na sua parede, e viu atrás um remendo feito com um cimento, ainda úmido. Com uma colher, escavou, escavou, até encontrar ali, enterrado vivo, seu *I Phone*, última geração.

Como o gato preto de Edgar Alan Poe, Jobson havia sepultado, esquecendo-se de retirar a bateria, o celular de sua esposa, atrás da parede da sala. “Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba”, suspirou, rendido, Jobson.

“Que tal fazer um churrasquinho pra comemorar?”, adiantou-se Joana, a fim de ocupar os espetos.



QUESTÃO GIRIÁTRICA



Paulo e Catherine se conheceram num chat de discussão sobre “a obra de Oswald de Andrade e a influência da sua linguística no cotidiano nacional”. Apesar de toda a animação com o debate sobre o texto e as ideias do papa pop do modernismo brasileiro, papo vai, papo vem, eles decidiram sair daquele ambiente coletivo e buscar a privacidade virtual via WhatsApp.

Para justificar a saída deles do chat, de início, até rolou uma certa conversa sobre o tema do debate, mas no fim das contas, tudo descambou para uma tentativa de um *approach* mais íntimo, que é pra isso que as pessoas participam de chats sobre o modernismo.

Eu li toda a conversa deles, pois Paulo trabalhava comigo e fez questão de me mostrar, que é pra isso que serve dar um print numa conversa.

Paulo Balada: E aí gata! Tô ligado que você saca tudo do Oswald.

Caterine Brotinho: Putzgrila, ele é xuxu beleza à beça! Acho um barato o pensamento dele de que o modo de falar indica o modo de ser de cada pessoa. E acho que a patota toda tava gostando do que estava rolando.

Paulo Balada: kkkkkk você tá totalmente desatualizada em gíria viu, gata!

Caterine Brotinho: A gíria sempre foi uma fonte inspiradora para Oswald, como é pra mim... e eu não ligo bulhufas pra quem não gosta, sacou? Não venha me deixar grilada.

Paulo Balada: Beleza. Relaxe. Então você tá dizendo que a pessoa é do jeito que ela fala?

Caterine Brotinho: Podes crer! Até já imaginei que você era um cara batuta. Mas não sei não...

Paulo Balada: Sai dessa gata! E qual é a vibe que vc curte, além da literatura?

Caterine Brotinho: Gosto de artes, morou?

Paulo Balada: Ok. Tb. S2

Caterine Brotinho: Que lance é esse de “S2”?

Paulo Balada: É um coraçãozinho feito com a mão. Tu não é dessa época? Kkkkkk

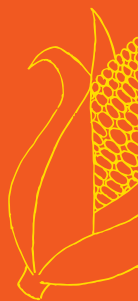
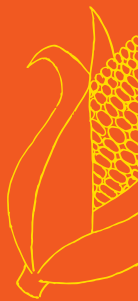
Caterine Brotinho: Tô meio por fora dessas novidades. Meus livros são antigos. Acho até que mais antigos do que sua avó.

Depois de algum tempo conversando, cada um no seu tempo, cada um transitando em uma fase histórica da humanidade – Caterine, ancorada nos anos 80 e Paulo fluando na atualidade e de olho no futuro - ele

finalmente partiu para o ataque e a convidou para um contato físico no shopping. Catherine topou.

No dia marcado, Paulo, de 58 anos, deparou-se com a Catherine, na flor dos seus 16. Paulo terminou seu cafezinho e disse que tinha um compromisso. Catherine disse que a mãe já estava chegando para lhe apanhar em frente ao Habib's.





SABONETE

O dia vinte e quatro de maio é o Dia Nacional do Milho. Todo ano a cidade de Patos de Minas promove uma festa danada e recebe gente de tudo quanto é canto do país. O ano era 1994. Gileno e o Lambda contavam os dias para pegar a estrada que os levaria de Brasília para lá, a convite da amiga Miréia. Todos cursavam a faculdade de Direito em Brasília, no CEUB e haviam planejado um fim de semana inesquecível. Foi o que ocorreu.

Miréia era patense da gema e toda a sua família morava em sua terra natal. Ela ficaria na casa dela, mas, os garotos, num hotelzinho, porque o pai dela jamais permitiria que chegasse, sem avisar, com dois amigos à tiracolo, exalando megawatts de sexualidade tropical, pra dormir no solo sagrado do seu lar.

Como eles ainda viviam da mesada dos pais, alertaram a Miréia que escolhesse o hotel mais simples possível, afinal

de contas, só precisavam de uma cama para desabar, quando chegassem exaustos da noite, quiçá, bem acompanhados.

Assim que chegaram à cidade, sequer se dignaram a conhecer o local onde dormiriam. Não perderiam tempo com esses detalhes bobos, pois o couro já estava comendo no Parque Sebastião Alves do Nascimento – o templo sagrado dos festejados sabugos.

Logo do estacionamento, ouviram os primeiros acordes de Evidências, no show de Chitãozinho e Chororó. O Lambda, que já foi enchendo a lata durante toda a viagem, saiu do carro tropeçando e gritando pro mundo que ninguém ali fosse doido de tascar na Rainha do Milho, que ela era dele.

A noite foi boa. Estava na hora de conhecerem a tal pousada, ao lado da rodoviária. O outro dia era dia de feira na cidade, e desviando de uma penca de joelhos de porco pendurada numa barraca, exalando ainda o cheiro do matadouro, encontraram a entrada da Pousada Roliúde.

Na verdade, desde que chegara à cidade, Miréia estava apreensiva diante do abrigo fuleiríssimo que arrumara pros amigos. Quando foi levá-los ao quarto, pois o Lambda precisou ser carregado no lombo pra subir as escadas, percebeu que não havia banheiro nos quartos. Só um, no corredor. E a porta era daquelas, estilo saloon de cowboy. Quem passava, via a cabeça e os pés do sujeito que tomava banho.

De pronto, Miréia: “Gente! Está decidido! Vocês são meus amigos e não vou deixar vocês jogados aqui nesse trem não. Venham. Vamos todos pra minha casa. Essa hora já tá todo mundo dormindo lá e amanhã explico a meus pais o que aconteceu”.

De mansinho, entraram na casa. Miréia os levou até a sala de estar e os mandou trancarem-se lá dentro. Quando acordassem, seriam apresentados à família. Chavearam a porta. Gileno se acomodou num arranhento tapete cheio de sabuguinhos desenhados e o Lambda lutou para se encaixar no sofá.

Passadas algumas poucas horas, já era meio-dia do domingo, a dupla foi acordada sob fortes batidas na porta. Eles estavam ocupando justamente a sala onde ficava a única televisão da casa e, naquele dia, Ayrton Senna iria correr rumo a mais um título, com direito a ouvir sua música, atrapalhada pelos berros de um emocionado Galvão.

Toda a família, reunida em torno da mesa, saboreava um delicioso tutu de feijão com torresmos, aguardando ansiosa pra torcer pelo nosso herói das pistas. Aqueles misteriosos amigos da Miréia, trancados lá dentro, já estavam deixando Seu Miguel, o surpreso anfitrião, putaço.

Após uma pancada mais forte, Gileno deu um pulo do tapete, pegou rapidamente suas coisas pra tomar banho e abriu a porta para a multidão que aguardava pra ver a corrida. Aos poucos, Miréia o apresentou à família e aos amigos, para depois levá-lo até a porta do banheiro. Mas antes dele entrar, perguntou: “Gileno, cê tem tudo aí? Sabonete, shampoo...?”.

“Ôxe! Claro!”

“Então tá. Mas deixa eu te pedir uma coisinha: de jeito maneira use o sabonete que está lá na conchinha de metal, no box do chuveiro. É de meu pai e só ele usa. É presente de uma irmã, que traz lá de Manaus. Ele diz que é uma raridade. Toque nele e ele faz uma pururuca de você.”

Quando ficou sozinho no banheiro, Gileno deparou-se com o sabonete proibido. Brilhava, reluzia como um diamante. Era daqueles transparentes, com umas sementinhas pretas dentro. Vendo aquilo, sequer tirou seu sabonete da caixinha. Ia usar o sabonete do velho.

Com os cabelos ainda cheios de shampoo, bateu em busca da preciosidade e, com a força exagerada que botou na hora, quebrou a conchinha de metal que o segurava, e o sabonete, com ela, caiu no chão. Era a prova do seu crime. Passou uns 15 minutos tentando colocá-la de volta no lugar. Empurrava pra cá, inclinava pra lá. Encontrou o ponto certo de equilíbrio, com o sabonete no meio, e estava tão concentrado que nem percebeu as batidas na porta que, há algum tempo, algum agoniado desferia.

Aprumou-se e abriu a porta. O Lambda estava lá, plantado em frente ao banheiro. Puto.

“Porra, Gileno! Demora da porra! Tava cagando?”

“Não, rapaz! Precisava desse banho caprichado. Foi mal! Ei? Você trouxe sabonete?”

“Claro!”

“Bicho, o pai da Miréia tem um sabonete importado aí. Ele não deixa ninguém usar, mas eu usei, que eu não sou menino! Vai usar o seu, né?”

“Jamais! Vou nele, do coronel, claro. Quem manda nessa caraia sou eu!”

O tempo foi passando. Gileno foi conhecendo, um a um, cada membro da família, e nada do Lambda sair do banheiro. Miréia, preocupada, começou a bater na porta. Depois de uns cinco minutos, ele, enfim, saiu.

Assim que encontrou Gileno, o Lambda o puxou, sem falar nada, até a calçada da casa.

“O que aconteceu, Lambda? Você tá pálido, cara! Engoliu um pequi, foi?”

“Bicho. Merda do caralho! Eu tava tomando banho e quando fui pegar o bendito sabonete do velho, quebrei a conchinha que tava lá segurando ele. No susto, chutei a tampa do ralo e a caceta do sabonete foi deslizando, deslizando, até cair lá dentro, num buraco fundo da porra!”

“Meu Pai Eterno!”

“No desespero, eu me ajoelhei no piso e meti a mão lá dentro do cano do ralo, pra fuçar, até encontrar a porra do sabonete. Bicho, tô tremendo até agora. Quando minha mão encontrou ele, puxei. Tava preto. Tava com pentelho da casa toda. Devia ter até pentelho de gente que até já morreu.”

“Caralhooo! E aí, Lambda? Limpou ele?”

“Limpei, porra. Fui azunhando, azunhando, até tirar tudo. Veja aqui minhas unhas, brancas! Vai levar décadas pra esse sabonete todo sair daí de dentro. Eu tô andando na casa com os punhos fechados pra ninguém notar, porra. Raspei tanto o sabonete que ele tá na finura de uma cartolina. Vamo embora daqui bicho. PelamordeDeus! Chame Miréia. Não conte nada a ela!”

No caminho de volta pra Brasília, Miréia desconfiou do silêncio sepulcral no carro. Aqueles dois, habitualmente tão conversadores, mas agora mudos, vez por outra eram flagrados limpando lágrimas furtivas com as costas das mãos. Ela só não conseguiu identificar se eram dores ou estavam segurando alguma risada.



REALIDADE VIRTUAL



Hermes conheceu Luíza numa roda de amigos. Amigos que não eram deles, mas que o destino os fez sentar numa mesma mesa gigante, pra comemorar o aniversário de Jair, professor de música de metade de Aracaju. A festa prometia ser regada ao som de Miles Davis, Coltrane, Nina Simone e muito vinho.

É notório que a combinação de jazz & vinho revela uma química potente, capaz de derreter relógios, à la Dali. E dali pra noite terminar, com todos os desconhecidos abraçados como os melhores amigos do mundo, é um pulo. Um contraponto.

Àquela altura do campeonato, Jair já aumentara o som e botara todo mundo pra dançar com Medeski Martin & Wood e Jamiroquai. Na mesa, as cadeiras que separavam Hermes e Luíza foram desocupando, desocupando, até que, de tanto eles próprios as ocuparem, foram parar um ao lado do outro.

Ele estudava guitarra clássica e Luíza, harpa contemporânea. Mas o que os aproximou não foi a música, mas a disputa pelo último carpaccio de polvo que jazia, solitário, numa bandeja espelhada. Sem reparar um no outro, meteram o garfo e, no puxa-puxa, cada um provou uma metade. O que de início foi constrangedor, terminou numa sincera gargalhada.

Quebrado o iceberg intransponível que existia entre duas pessoas que se autodenominavam antissociais, únicos a permanecerem imóveis enquanto os demais já rebolavam na sala do anfitrião, ao som de Gretchen e Sidney Magal, o papo começou a rolar como uma cachoeira de Ronnie Von.

A internet foi o assunto que alimentou sua conversa: como ela separava as pessoas, as tornavam distantes, frias, mas, também, desinibidas etc. Aquilo não foi feito por Deus! Nunca largariam Kafka, Tolstói, Saramago, pra perder tempo com tanta besteira. Jamais deixariam de ouvir as rugosidades de um vinil no toca-discos pra curtir as mais pedidas do Spotify. A internet era a oficina do Diabo. Era o rabo eletrônico do capeta.

Conversaram por horas a fio e encontraram mais afinidades do que diferenças entre si. Incrível como nunca haviam se encontrado antes, numa cidade tão pequena como Aracaju. Ainda mais com tantos prazeres em comum, somados a um repúdio absoluto por aquelas carinhas dos emoticons, que serviam pra traduzir o pensamento das pessoas em carinhas pré-fabricadas.

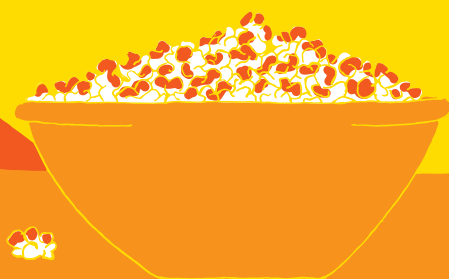
No final da noite, na despedida, assumiram que, ape-

sar de não acessarem as famigeradas redes sociais, ambos participavam, por força de manter contato com alguns amigos que moravam em outras localidades. Combinaram de um procurar pelo outro, a fim de corrigirem aquele erro histórico que os fez viverem separados por anos.

Assim que chegou a casa, Luíza pegou seu tablet e procurou Hermes para adicioná-lo no facebook. Descobriu que já eram amigos. E há muito tempo. Hermes tinha quase 3.000 amigos e ela faltava pouco pra lotar seu perfil. Hermes, na rede, participava do fã-clube de Wesley Safadão e do Molejão. Luíza seguia o Psirico e era amiga pessoal de Xande do Harmonia, com quem sonhava dividir o palco numa segunda-feira, em Salvador, tocando Vem Neném.



PIPOQUINHA



Misael cursou Direito na UNB. Sempre tinha sido um aluno mediano. Não fedia nem cheirava. Colava que só ele e, aos trancos e barrancos, colou grau. Rapidamente, em razão das benesses de um forte pleito político, foi parar na assessoria jurídica de uma importante empresa pública.

Na sala de espera, antes de se apresentar àquele que seria seu chefe, um desconhecido, anjo enviado por Deus, que lhe foi com a cara, o alertou que a figura não valia um conto. Estava ali há pouco tempo e já tinha passado o rodo em meio mundo de gente, sem perguntar nada para ninguém. Portanto, que se benzesse.

A secretária o mandou entrar. Dr. Humberto era daqueles caras que, ao cumprimentar alguém, até estende a mão, mas a deixa molenga, como quem tem nojinho de tocar a pele alheia. Ao perceber aquele troço frio, iner-

te, balançando em sua mão direita, Misael até cogitou beijá-la e pedir-lhe a benção. Não sabia o que fazer com ela, nem como soltá-la. Soltou. Ela se desfez junto com o braço, no corpo do seu futuro chefe, que logo se sentou, sem dizer uma única palavra.

Sem graça, no aguardo da iniciativa do seu superior, o novato olhava uns porta-retratos espalhados na mesa: Dr. Humberto de cócoras com uma granada na mão, Dr. Humberto dando uma mamadeira a um leão, Dr. Humberto se arrastando na grama com um fuzil, e outra, sendo condecorado por suas vitórias na II Guerra Mundial, pelo próprio Presidente Figueiredo.

O chefe quebrou o silêncio, pegando um estojo de couro. “Você é o garoto que foi indicado pelo Dr. Trajano, não é? Então não vou nem perder meu tempo te entrevistando porque vou ter que te engolir, e você também vai ter que me aguentar. Então, veja, estou rifando isso aqui. É uma caneta. Mas é uma caneta qualquer? Não. Não é uma caneta qualquer. Ela atira. É uma canetuca. Mistura de caneta com bazuca. Você coloca uma bala de revólver dentro dela e pow! Já era o malaca. Vinte reais a cartelinha. Quer quantas?” O “quantas”, pra bom entendedor, era mais que uma. Então Misael pediu duas.

Após uns vinte minutos de conversa, a secretária o levou à sua sala, onde foi apresentado aos futuros colegas. Entre eles, aquele que o havia prevenido dos humores do chefe. Misael, já se julgando íntimo, disse a Moacyr – esse era o nome do colega – que tudo havia saído às mil maravilhas. Que o chefe o recebeu e o tratou, o tem-

po todo, com um amável sorriso no rosto. “Então você se fudeu. Tomou bonitinho no centro do seu cu. Isso é um tic nervoso que ele tem. Ele só ri quando não gosta do que está vendo”, disse o colega, com uma delicadeza surpreendente.

Isso se deu numa segunda-feira. Durante o resto da semana, não foi requisitado, hora nenhuma, pelo chefe. Pelo menos até a sexta-feira.

Na sexta, quando saiu do turno da manhã, Misael foi para casa almoçar com a família e, como ainda havia tempo, resolveu pedalar alguns quilômetros na sua ergométrica. Suava em bicas quando sua mãe entrou em disparada pelo quarto e lhe avisou que o estavam mandando retornar com urgência ao trabalho. Seu chefe em pessoa havia ligado. “Não tome nem banho. Vá do jeito que você está!”, mandou a mãe.

Do jeito que estava, com o suor escorrendo pela costeleta e por tudo quanto é dobradiça do corpo, Misael colocou o terno e voltou pra repartição.

Assim que entrou, ofegante, na sala do chefe, percebeu a sala lotada de assessores. Aquela cena, em Brasília, em plena sexta-feira, na hora do almoço, soava muito suspeita. E o chefe estava sorrindo em sua cadeira. Na certa, seria uma demissão coletiva. Na cadeira que restava vazia no canto, Misael sentou e esperou a pancada.

Pra variar, naquela sala, o silêncio era geral. Foi Moacyr quem tomou a palavra. “Pois bem, Dr. Humberto, estamos todos aqui. O senhor nos convocou pra essa reunião. Podemos começar. Qual o motivo?”.

Dr. Humberto de repente ficou sério. “Chamei vocês aqui, hoje, para dizer que o vencedor da grande rifa foi o Dr. Célio. Palmas para ele, gente!”

Claps, claps, claps...

Aliviados, em poucos minutos, todos saíam da dita cerimônia de premiação, quando o Dr. Humberto pediu pra que Misael ficasse mais um pouco. Só mais um minutinho. “Êita porra! A demissão é só minha mesmo.”

“Meu filho, você é novato aqui e a gente precisa se conhecer melhor. Aliás, EU, preciso conhecer melhor você. No final do expediente, vamos fazer um happy hour, só nós dois? Conheço um lugarzinho ótimo, na 212 Sul. Coisa fina. Sairemos juntos, às seis”.

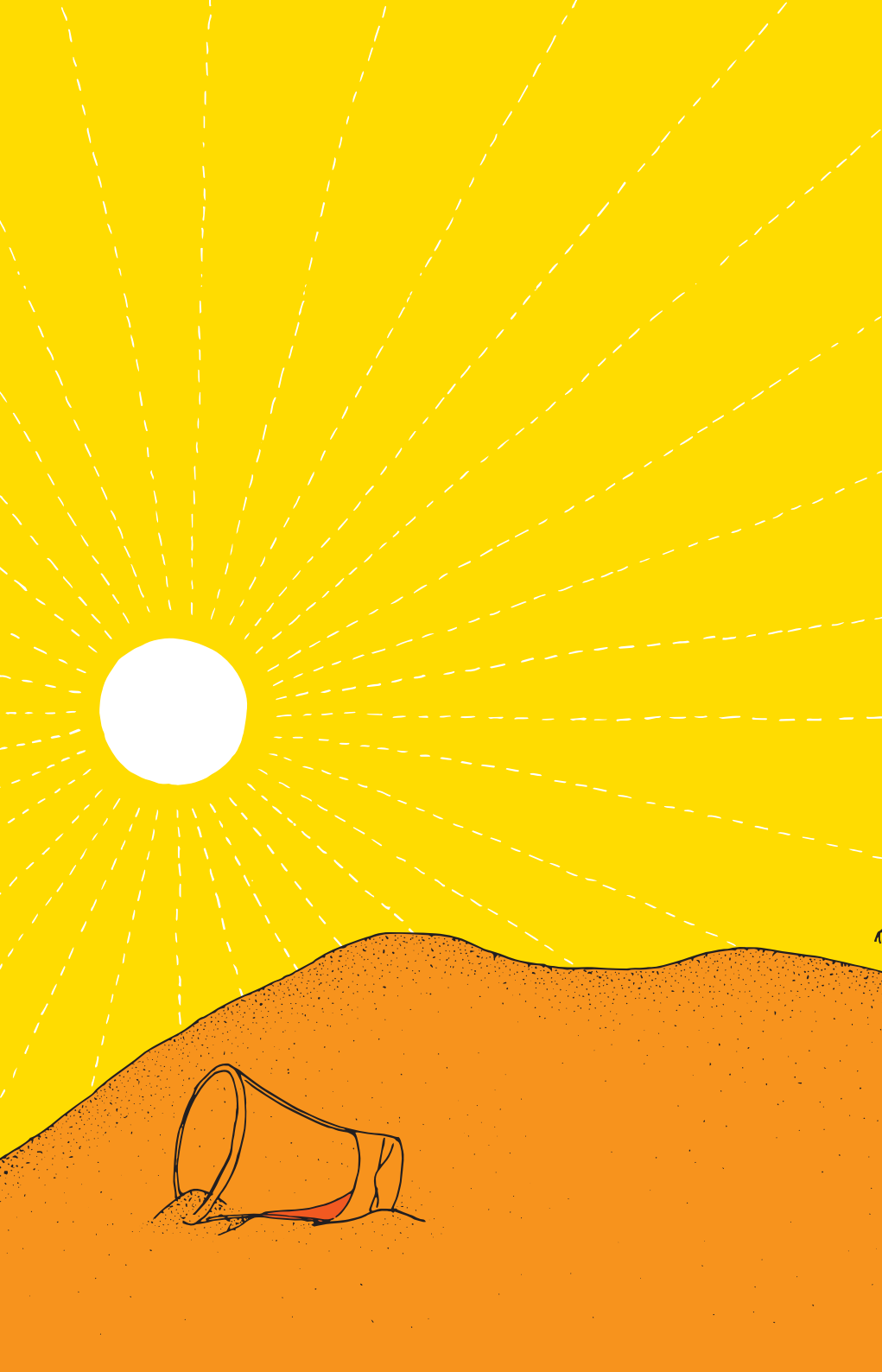
“Valei-me Nosso Senhor!”, pensou, quase em voz alta, Misael. “Esse velho quer é passar a rola em mim. Vou pedir a canetuca do Dr. Célio emprestada. Mas tem uma coisa... eu tô podre da bicicleta ergométrica. Ninguém vai querer se pegar com alguém com um subaco nesse estado. Minha virilha, também! Tá grudando!”

Ainda havia praticamente cinco horas antes daquele compromisso. Misael resolveu chutar o pau da barraca. A cada meia hora dizia que tinha que fazer alguma coisa fora da sala e ia dar uma corrida no estacionamento. A meta era virar o homem carniça. Seu animal de estimação seria um urubu. Seu codinome seria gambá.

Às seis e meia, o Dr. Humberto passou na sala de Misael. “Vamos lá, Guerreiro? Bora pra night?”

Cada um em seu carro, Misael foi seguindo o chefe até estacionarem os carros, um ao lado do outro.

Assim que entraram num restaurante refinadíssimo, e Misael procurava qual seria o local do seu iminente sacrifício, em que seria a vítima do abate do chefe, Dr. Humberto chegou junto e falou: “O que eu gosto daqui é que a gente bebe um whisky de primeira e eles servem pipoquinhas pra gente beliscar. Mas vou te contar um segredo. Gostei de você. Chamei duas amigas lindas pra passar a noite com a gente. Você veio preparado?”.





CUBA LIBRE

No caminho de Aracaju para Salvador, suspirando pelas vertiginosas depressões da Linha Verde, localiza-se, entre tantos outros locais paradisíacos, a Praia do Conde.

Para o viajante comum, trata-se de um simples lugar para encher o rabo de cachaça enquanto doura a pele ante as lambidas fumegantes do sol da Costa dos Coqueirais, mas, entranhada entre suas misteriosas dunas, há um segredo a ser revelado.

Se você estiver lendo isso agora, peço encarecidamente que, quando acabar, arranque essas páginas do seu livro, rasgue-as e toque fogo. Isso ficará entre nós. Feche os olhos e imagine a música do filme *Missão Impossível*. Saberá exatamente o que fazer.

Vamos do início, em 1958.

Há indícios verossímeis que, dispostos a tanger para bem longe os capachos do imperialismo *yanquee* de

Cuba, os amigos Che e Fidel possuíam um terreno no Conde, onde veraneavam, dispostos a traçar estratégias e fumar longos charutos ao som de rumbas, enquanto bebiam litros de mojitos e aguardavam ansiosamente pelos aperitivos que Niêgra, sua agregada tupiniquim, fazia sair em desfile pela cozinha, lacrimejando seus olhos de calor e pimenta: aratus, lagostins, carapebas e afins.

Niêgra, vira e mexe, ao findar da noite, acabava a farra no meio dos patrões e um dia lhes confidenciou que, sendo filha de Iansã, nutria um profundo aperreio sobre a tragédia que viria a ser se os dois maiores terreiros de Salvador, inimigos de búzios, declarassem guerra um ao outro. Se isso acontecesse, toda a preciosa paz que todos desfrutavam, findaria.

Num dia em que acabaram as hortelãs que temperavam os deliciosos drinks e Niêgra resolveu substituí-las por Coca-Cola, Che decidiu partir imediatamente para Cuba e fazer a revolução. Num ímpeto guerrilheiro, ele foi tornar a Cuba Libre. Niêgra, bêba cega, entendeu que ele havia batizado a bebida e assim ficou até hoje.

Antes de sair, Fidel chamou a cozinheira pra baixo de um Cajueiro e disse que iria colocar aquelas terras à venda, mas que, dali por diante, elas deveriam ser um território cubano no Brasil. Ali, nunca haveria espaço pra qualquer entrevero de religião. Seria para sempre um campo neutro, destinado a confraternizações e debates entre toda e qualquer espécie de líderes religiosos.

Agora, um salto para 1980.

Desde que Luiz assinara o contrato de compra e venda do terreno na Praia do Conde, chamou-lhe a atenção a cláusula contratual que dispunha expressamente que aquele imóvel seria, *ad eternum*, território cubano e que a liberdade religiosa ali jamais poderia ser maculada. Muito menos no que se referia às religiões afrodescendentes. Seria uma ONU do candomblé. Ali, os poderosos pais de santo da Bahia poderiam se jogar de corpo e alma para tratar de assuntos mundanos e triviais, em pé de igualdade e estado de paz.

Diante do preço sedutor, Luiz não viu qualquer empecilho no dispositivo e tascou sua assinatura no contrato.

Tudo sempre ocorreu às mil maravilhas e, já acostumado com toda aquela harmonia espiritual, esquecido dos entreveros cada vez mais distantes, que haviam dado motivo à inserção da chamada Cláusula da Pax Filhos de Conde Badauê, Luiz convidou seu destemido amigo Papito pra passar o réveillon em sua casa de praia.

Nem imaginava ele que, além do novo convidado, apareceriam, ao mesmo tempo, como se guiados por cordões invisíveis, a fim de deixar abraços e axés, os Pais Giltaê do Ilê e Dudu de Ogun – descendentes de primeira linhagem dos famosos rivais históricos sem precedentes nas guerras santas mundiais. Ali, como sabemos, eles se beijavam no rosto e, via de regra, dividiam o mesmo copo de cachaça e o prato de caruru.

Desavisado, enquanto todos estavam reunidos ou-

vindo sambas de Paulinho da Viola, Papito se levanta, com o couro cheio de pinga, fala que vai animar a festa e põe pra tocar um pout-pourri dos mais sagrados e animados cantos de candomblé e umbanda.

“Porque hoje é réveillon, caraiooo! Cadê as pipoca!!!”, bradava Papito.

Quem sabia da histórica rivalidade entre os dois Pais de Santo ficou apavorado com a ideia de colocar aquelas músicas de cunho sagrado em uma festa profana como aquela. E quase todo mundo na casa sabia. Enquanto isso, Papito lascava a mão na mesa, batucando com toda a força, gritando que era Ogan, o mestre do batuque. E logo Ogan, que segundo a tradição religiosa, devia estar sempre lúcido durante as sessões.

Luiz, a essa altura, estava do outro lado da sua imensa casa, num papo animado com outros convidados, quando Niêgra, já veinha, e já em águas, chega, esbaforida, gritando pra ele correr porque Pai Giltã e Dudu de Ogum estavam de olhos virados, rolando aos tabefes pelo chão de areia.

Fazendo jus à fama de bom anfitrião e diplomata, Luiz despiu-se de toda a sua classe e mergulhou no meio dos desafetos. A esparrela só foi acabar quando despontaram os primeiros reflexos do sol alaranjado do Conde. Saldo: camisas rasgadas, hematomas, as peles amilanesadas de areia úmida de cerveja. Cada um voltou pra sua casa do jeito que deu e a festa acabou.

Já recomposto, de pijamas, em seu quarto, a fim de respirar o silêncio acolhedor que envolve o nascer

do dia nos litorais, Luiz escuta, ao longe, um batuque vindo da frente de sua casa, quase embaixo do mastro que sustenta a bandeira cubana que até hoje salda os visitantes. Saiu ainda mancando e, ao longe, já percebia a imagem solitária de Papito à mesa, à todo vapor, continuando seu batuque, na paz de Oxalá.





FUDEU MARIA PREÁ



PRÓLOGO

Eu e minha turma costumamos nos encontrar religiosamente às sextas-feiras, num boteco chamado ‘Laço do Cão’. Diluir o estresse da semana num malte gelado – esse é o nosso lema!

O Laço é boteco de caba-hômi. Só tem banheiro masculino e o que nos interessa é jogar conversa fora, tomar uma gelada e saborear a apetitosa carne de sol preparada por Arame, o proprietário do distinto estabelecimento. Aliás, não dá pra ter mais que isso porque é só isso que ele sabe fazer.

Vira e mexe a gente bate uma partida de dominó ou de sinuca, mas o foco do encontro é o bom e velho papo de macho quando se reúne – mulher e futebol. Com esses dois temas inesgotáveis, o cara se esquece da vida.

A vida em um boteco é sempre a mesma: todo mundo chega cansado, com a cabeça ainda no trabalho, e a cachaça vai entrando e daqui a pouco está todo mundo revigorado e se xingando e se abraçando e se xingando novamente, até que todo mundo sai de lá devidamente abraçado e embriagado. No outro dia ninguém se lembra nem de como chegou em casa, muito menos de como se despediu ou quem pagou a conta.

Uma coisa naquele dia me chamou a atenção: Ernesto, um dos nossos, habitualmente reservado, sempre espectador atento e calado das aventuras contadas pelos mais saídnhos do grupo, trocou a cerveja pela milone, destravou a língua e tocou o terror. Chutou o pau da barraca.

Num determinado instante, vi Ernesto se levantar para ir ao banheiro e, muito doido, abrir o fechecler e ameaçar fazer girocóptero com o pinto no meio do bar, na frente de outros clientes, dos papagaios, da esposa e dos pequenos filhos de Arame – os Araminhos.

Nas duas semanas seguintes notamos sua ausência e perguntamos a Arame sobre o amigo. Ele, com um suspiro seguido de um olhar inquisidor para cada um de nós, puxou uma cadeira, acendeu um cigarro paraguaio, levantou uma das sobancelhas e perguntou se a gente estava de sacanagem com ele ou ninguém sabia mesmo de nada.

Foi o que eu ouvi ali que pretendo contar agora. Essa é a história do filho da puta do Ernesto.

I

O alerta do apito do vigia que cruzava a rua fez Ernesto despertar de uma elucubração que martelou sua cabeça durante toda a noite e cujo cansaço o fez cochilar, jogado numa cadeira do quintal da sua casa. O cigarro adormecido entre os dedos ainda dava seus últimos sinais de vida fazendo uma fina linha de fumaça subir e se desfazer acima da sua cabeça. Após a frustrada tentativa de um último trago, eliminou-o afastando as guimbas que abarrotavam o cinzeiro.

Deu mais um gole no uísque agüado e a ideia de que havia destruído sua vida e a de toda a família naquele dia era seu único pensamento. Pela milésima vez revivia o acontecido com detalhes, quando seu celular tocou no meio do almoço em família e o visor lhe mostrou o número da Marcinha, melhor amiga da sua filha. Disfarçou a surpresa e correu pra atender escondido quando ouviu do outro lado da linha, em meio a gritos e choros, uma voz adulta masculina dizendo que ele estava perdido porque tinha fodido com a filha dele. Ernesto perdeu o equilíbrio na hora e só o que conseguiu fazer foi desligar o aparelho para que ele não voltasse mais a tocar naquele dia.

Dentre outras poucas coisas, lembrou quando, após a noite de bebedeira com os amigos, bateu em seu peito de macho pra lhes dizer, a todo volume, que ia “passar a rola numa menina gostosíssima que lhe tava dando o maior mole”, no que foi seguido de uma salva de palmas bêbadas.

Tratava-se da Marcinha, amiga da filha dele, de 17 anos, que frequentava sua casa desde pequena. Quer dizer, frequentava sua casa há muito tempo, porque, pequena, ela ainda era.

II

Tomava banho para sair de casa quando Beatriz, sua filha única, já acordava pra ir ao cursinho. Fez um café forte pra aguentar acordado o baque do dia e viu a esposa Lia, animada, pular em seu pescoço e enumerar uns 500 compromissos pra aquele dia. Era seu aniversário. Começou a revisar uma lista de coisas que precisariam ser feitas pro jantar que ofereceriam naquela noite, pra amigos e familiares.

Ele fingia prestar atenção em tudo quando ouviu o toque do seu celular ressoando no banheiro. Beatriz gritou um “deixa que atendo papai” e um súbito frio lhe percorreu a espinha. O celular já lhe foi entregue com a ligação atendida: “taí, aniversariante!”, disse Bia, com um risinho. Ela havia ligado o celular.

Por mais que disfarçasse, elas notaram o jeito estranho com o qual ele atendeu a ligação, até que relaxaram após perceberem uma pontinha de sorriso acompanhada de um “oi, compadre! Obrigado pela lembrança! Aparece aqui mais tarde!”.

Ele sabia que sofreria uma marcação cerrada naquele dia. Nenhum segundo de solidão para tentar tirar um impossível santo coelho da cartola e resolver a confusão

que causara. Para piorar, não seria possível desligar o bendito celular por causa do seu aniversário. Bia, reparando o sufoco do pai em disfarçar sua angústia, falou: “tá nervosinho porque tá ficando mais velho é, lindão?”.

III

Entraram todos no carro rumo ao cursinho e Bia lembrou ao pai que não esquecesse a carona da Marcinha, que morava no caminho. A mãe suspirou tranquila, comentando alto que aquelas duas eram unha e cutícula. Na cabeça de Ernesto, como um letreiro, só passavam as palavras piscantes em letras de forma: “PENSE RÁPIDO PENSE RÁPIDO PENSE RÁPIDO”.

Automaticamente, como faz todos os dias, ligou o rádio na AM para que as notícias de uma anterior noite sangrenta da cidade passassem dentro do carro. “Claro, filha”, respondeu à Bia quanto ao fato de passar na casa da Marcinha para buscá-la. Da casa deles até a casa dela levava normalmente uns 10 minutos. Até lá, durante aquela infinidade de tempo, haveria de pensar numa saída.

No rádio, o apresentador do programa ouvia por telefone um cidadão reclamando de um buraco enorme que surgiu em frente à casa dele, provocado pela chuva, e que já fazia três dias e ninguém ainda tinha mandado tampar e até aquele momento já havia engolido um gato, um cavalo puxando uma carroça, um Fiat 147 seminovo e um torcedor do Itabaiana.

Por estar com a cabeça em outro planeta, Ernesto não percebeu como aquela discussão do buraco negro havia acabado. Voltou a si após uma cutucada da esposa para mostrar que o locutor havia chamado ao microfone uma cigana com sotaque baiano, especialista em simpatias, tarôs e horóscopos, que revelaria naquele momento como seria o dia dos aniversariantes da data: “Leonino, ser iluminado, hoje todos os astros apontam para você, nêgo! A felicidade estará aonde você menos espera. Mesmo que você evite, vai tropeçar nela. Mesmo que não a procure, vai esbarrar nela”. E Ernesto esbarrou mesmo, num motoqueiro, que logo foi ao chão.

IV

Colidir com uma moto é a mesma coisa que fazer aquela brincadeira de perfilar dominós e derrubar o primeiro deles até que os outros da fila venham caindo um de cada vez. Só que ao contrário. Você derruba um motoqueiro e um monte deles se levanta automaticamente sem ninguém descobrir de onde eles estão brotando. Ou o cara resolve logo o problema ou tá ferrado.

Ernesto, ainda dentro do carro, ouvia buzinas e xingamentos de outros motoristas que passavam lentamente observando a colisão e que por causa dele já chegariam atrasados ao trabalho. Um gaiato perguntou se aquilo era hora pra se bater com alguém. Como se tivesse hora boa pra isso!

Lia lembrou à filha que ligasse pra avisar a Marci-

nha o que aconteceu e que provavelmente não daria para buscá-la naquele dia. Bia já estava fazendo isso, os olhos de Ernesto acompanhando tudo, um olho na frente, vendo o motoqueiro se levantar cambaleando tal qual um zumbi de *The Walking Dead*, e outro atrás, pelo retrovisor. Bia não falava nada até desligar o aparelho dizendo achar estranho que a amiga não atendia o seu inseparável e indescarregável celular.

Ernesto aproveitou a trégua da iminente confusão para sair e verificar se havia algo de grave com o motoqueiro. No carro, esposa e filha viram, apreensivas e lamentando a situação justamente num dia que deveria ser totalmente de festa, ele entregar seu cartão de visitas para o acidentado, em meio a uns cinco motoboys que giravam ao seu redor, acelerando cada vez mais, fazendo um barulho ensurdecedor. Era o globo da morte de Ernesto.

Resolvida temporariamente a situação, Ernesto voltou correndo para o carro e assim que o ligou foi informado que não precisaria mais passar na casa da Marcinha porque elas tentaram ligar de novo e como ninguém atendeu, deduziram que ela já tinha ido para a aula. Bia complementou que não havia problema, porque ela e os pais, SEM DÚVIDA, estariam na festa à noite, em sua casa, e eles explicariam tudo.

Ernesto deu um grito maior do que quando havia colidido com a moto, perguntando QUEM FOI O DESGRAÇADO QUE MANDOU CONVIDAR AQUELA MENINA E, ALÉM DE TUDO, OS PAIS DELA?

Lia e Beatriz realmente ficaram sem entender aque-

la reação desproporcional de Ernesto. “Que cara sem noção! Grosso!!”, disse a esposa. Ernesto foi mudo e vermelho de raiva até a porta da escola. Agora estava frito de uma vez. Agora fudeu Maria Preá, como ele costumava dizer, errando o ditado, porque Maria não foi fodida, foi morta.

V

O que mais atormentava Ernesto é que, por mais que tentasse reviver o malfadado momento, ele não conseguia se lembrar de nada. Tinha uma vaga lembrança de entrar no quarto de sua filha, onde ela e a Marcinha estavam dormindo, já que a amiga havia passado o final de semana na sua casa. A esposa estava viajando e ele tinha tomado um porre na festa de despedida de um colega.

Lia já estava de saco cheio das vezes que surpreendeu o marido “pensando na morte da bezerra” naquele dia, mas para ela aquilo eram reflexões sobre a idade que lhe caía sobre os ombros e por isso lhe redobrava os carinhos e a atenção. Isso o irritava ainda mais porque fazia a consciência dele pesar uma tonelada. Como pudera dar um vacilo daqueles com sua esposa e sua filha? Seria o caso de dar cabo à sua vida assim que tivesse uma chance?

Ele pensava que naquele momento sua filha já havia encontrado com a colega na escola e já sabia de tudo. Seria a hora de abrir logo o jogo de uma vez para a esposa? Do pouco que conhecia do pai da Marcinha, ele sequer ia chamar a polícia. Arrancaria ele de sua casa e o amarraria

pelado num poste pra todo mundo ver o escroto que ele era.

Terminadas as compras para o grande jantar, estava na hora de voltar pra escola pra buscar a filha e encarar o problema de uma vez por todas. Ernesto tinha resolvido contar tudo sem medir as palavras. Falaria a verdade. Mas por onde começar? Aliás, estava tão bêbado na fatídica noite que não sabia nem como tinha feito aquilo. Será que seria o caso de pôr a culpa na menina? O que é um peido pra quem tá cagado?

Ao final da manhã, Bia já esperava no local marcado... e sozinha. Entrou calada no carro e Ernesto tentou de tudo para evitar que se tocasse no nome da Marcinha, mas foi Lia quem deu pela falta da menina e questionou a sua ausência à filha.

“Mãe, ela não foi à aula. E não atende às minhas ligações. Tô preocupada. Será que rola dar uma passadinha na casa dela agora, pra eu saber o que houve?”.

Ernesto se adiantou dizendo rispidamente que certamente não aconteceu nada com a menina. Ela deveria estar ocupada. Só isso.

“Pai, cê tá é bruto hoje viu! Deus me livre! É a idade é? Que saco!”.

VI

Se naquele momento passasse um pitbull na sua frente ele puxaria a orelha do cachorro e se jogaria no chão pra ser devorado até a alma. Depois seria mandado direto pro inferno e receberia um daqueles mitológicos

castigos, em que o cara passa a vida toda, quer dizer, a morte toda, sofrendo açoites infinitos.

Se, durante a vida, o estuprador que chega num presídio recebe o troco na mesma moeda de toda uma população carcerária, quem diria no inferno. Ernesto se via acordando todo dia, se é que se dorme naquele lugar, sendo enrabado por um jegue. Por uma fila de jegues. Por uma alcateia de lobos-jegues.

Talvez lhe fosse destinado a conviver com um mini Cérbero particular, o cão que vigiava o reino dos mortos, o portal do inferno, que todas as manhãs lhe arrancasse as bolas e elas fossem crescendo de novo durante o resto do dia, para logo serem novamente comidas no dia seguinte. Ele seria a galinha dos ovos de ouro de Cérbero.

VII

Chegando à casa, Ernesto se isolou de vez. Tomou um banho de quase duas horas e quase acabou com a água do planeta. Não tinha nada mais a fazer. Eram os momentos que antecediavam seu corredor da morte particular. Em breve seria desmoralizado na frente de toda a sua família. Aliás, da turma do Laço do Cão ele não chamou ninguém para não ser humilhado e depois virar motivo de chacota nas reuniões de fim de semana.

Bateram com força na porta do banheiro para dizer que já havia convidado esperando na sala. O fato de não dizerem o nome da pessoa, e simplesmente referir-se a “convidado”, para ele, era a certeza de que o pai da Mar-

cinha havia chegado e estava esperando por ele dentro da sua própria casa, em pé, quem sabe com alguma arma atada à cintura.

Ernesto se arrumou vagarosamente. Ignorou a camisa nova que havia ganhado naquele dia da esposa, e que já estava separada, estendida na cama. Preferiu usar suas peças preferidas: uma camisa que há uns oito anos havia sido presenteada pela avó, uma calça dada pela esposa como presente de dois anos de casamento (já agora havia completado 15 anos) e um sapato que ele mesmo tinha comprado numa viagem à Argentina, há uma década.

Quando Ernesto enfim apareceu na sala, sentiu que o clima era de animação entre os parentes que já haviam chegado mas, numa fração de segundos, um silêncio assolador tomou conta do ambiente, diante daquele ser recém extraído do túnel do tempo e que foi parar ali, desorientado, na frente deles.

Foi a esposa quem lhe puxou, sem nenhuma discriminação, para perguntar que peste é que estava acontecendo e para que aquela roupa velha. Ernesto escapuliu dela e correu para receber as homenagens dos amigos, que não seguraram a risada por causa daquela presepada.

Percebendo rapidamente que a família da Marcinha não estava no recinto, Ernesto se entregou aos cumprimentos da parentada. Mas não olhava diretamente no olho de ninguém. Sua atenção estava focada quase que totalmente para a janela que dava para o portão, à espera dos tão famigerados convidados da sua filha.

Começou a beber, pois já haviam empurrado um

copo de uísque nas mãos, afinal, aqueles poderiam ser os últimos goles da sua vida. Ele sabia que o pai da Marcinha queria público e tinha deixado o melhor para o final da festa. Até que a campanha tocou e ouviu um grito de felicidade da filha que corria para o portão...

EPÍLOGO

Todos nós estávamos reunidos no Laço do Cão, apreensivos com o ar de gravidade com que Arame relataria a saga de Ernesto. Ele raramente se sentava à nossa mesa e quando percebeu que não sabíamos do paradeiro do nosso amigo, sentiu-se portador de uma notícia importante e que só ele sabia. “Desembucha Arame, que porra!”.

“Bem, então já que é pra falar, vou começar do começo. O Ernesto esteve aqui na semana passada. Chegou... sentou ali no canto... pediu uma ÁGUA (nesse momento a turma se entreolhou assustada)... e fui lá falar com ele para saber se estava esperando por vocês. Então ele disse que não, que só estava ali passando o tempo mesmo, e ficou enrolando numa conversa troncha da porra, que não dizia nada com nada e não ia dar em lugar nenhum. Eu, que não sou nenhum menininho, perguntei o que estava acontecendo e ele ficou deslizando pra lá e pra cá. Meus filhos, o que eu não tenho é paciência pra lero-lero viu! Quando ele viu que eu ia me levantar e mandar ele pra casa do caralho segurou no meu braço e me contou a história toda.

Disse que tava aperreado com o pai de uma menina

que tinha ameaçado ele de morte por telefone e iria matar ele na frente de todo mundo no seu aniversário. Aí me disse que tinha passado o dia todo se cagando de medo e tinha até pensado em se jogar na boca de um pitbull e o pior de tudo é que não se lembrava de nada do que tinha realmente acontecido porque o negócio aconteceu quando ele tava cego de bêbu. E tinha acontecido na casa dele, no quarto da filha dele, quem sabe até com a filha dele dentro do quarto. Merda da porra. Ô Ernesto filho da puta meu Deus!.

Então estava lá na comemoração do seu aniversário, sem dar um riso pra seu ninguém, todo mundo muito puto com ele, que não colocou nem um arrochazinho pra animar a festa, até que a família da menina chegou porque a filha dele não sabia de nada e tinha convidado ela. De repente viu os pais da menina entrarem, sem a filha deles, e a mulher dele pegou no braço dele e o levou para cumprimentar os dois, quando o pai da menina disse que precisava falar a sós com ele por um minuto.

Ele disse que o cara pediu desculpas pela grosseria com que tinha falado na noite passada, que não sabia que aquele era o dia do seu aniversário, e o fato dele ter tropeçado bêbado no quarto que a filha dele estava dormindo e caído por cima dela e quebrado a perna dela deixou ele muito puto da vida naquela hora, mas que passado o tempo ele já tinha relaxado e ele mesmo já tinha quebrado três dedos da esposa e o pescoço do seu cachorro caindo bêbado sobre eles. Aquilo, pensando bem, até que era absolutamente normal. E mudando de assunto perguntou se

tinha algo pra se beber naquela festa ou tinha de sair pra comprar.

Ernesto disse que não acreditava no que estava ouvindo até ver a menina entrando com o pé engessado e de muleta, amparada por sua filha. Depois daquilo ele parecia a própria fênix ressurgida das cinzas e tomou todas até desabar no final da festa, cair sobre ele mesmo, e torcer o tornozelo.

Ele tinha vindo aqui pra avisar a vocês que não bota mais um pingão de cachaça na boca e não quer nem olhar mais pra cara de vocês tão cedo que é pra não cair na tentação e atolar o pé na jaca de novo.”

As últimas palavras de Arame foram totalmente abafadas pela nossa risada. “Liga aí pro escroto do Ernesto vá! Liga aí! Ha ha ha!”.

FIM

Tiragem	250 exemplares
Formato	13,5x21cm
Tipologia	Calisto MT, 11,8 TitilliumWeb, 8
Papel	Off-set 75g/m ² (miolo) Cartão Triplex 250g/m ² (capa)

Seu Gézio estava há séculos naquele papo interminável e já ignorava praticamente todo o resto da mesa. A conversa agora era comigo, o único que sabia fingir ser o melhor e mais curioso ouvinte do mundo. De repente ele me vem com essa história, de cunho confessional: "Olha, Marçalzinho, vou abrir meu coração pra você. O que eu mais sinto falta é de alguém que compartilhe esses momentos comigo. Pra apreciar um vinho, a pessoa tem que ter, acima de tudo, cultura. Diga-me, seja sincero, como é que eu poderia dividir uma garrafa de um raríssimo Château Mouton-Rothschild 1982 com alguém que jamais se preocupou em interpretar Baudelaire ou se emocionou com Flaubert? Quem nunca verteu lágrimas diante de um Monet, no Louvre?".

Pronto. O velho estava milionário e com uma intelectualidade insuportável de um Falkner. Além de bêbado, é claro.



9 788553 178346